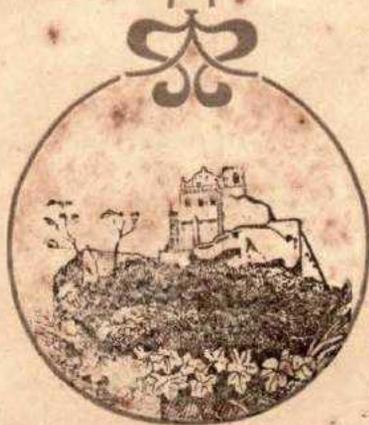


Revista

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

O' Jovens Brasileiros,
Descendentes de heróes, heróes vós mesmos
Pois a raça de heróes não degenera ;
Imitai-os, para que elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

NACTIVIDADE SALDANHA



Artes Graphicas da Victoria
1917

ERRATA

Entre outros erros facilmente corrigiveis pelo leitor, salientam-se os seguintes :

Pag. 19, onde lê-se—antes de ser executado, leia-se—pouco antes de ser executado.

Pag. 42—Noticia sobre o monumento. Ao envez—de 26 de Novembro de 1816, leia-se—de 26 de Novembro de 1915. Leia-se—a 12 de Junho de 1917, em lugar — de 12 de Junho de 1817.

Depois da palavra praça «João Climaco», substituam-se as palavras que se seguem por estas :—onde terá lugar o assentamento da pedra fundamental, sendo transferida para o dia 15 de Novembro do anno corrente, a erecção do monumento.

PROEMIO

Cumprindo uma disposição dos Estatutos, o Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo inicia a publicação da sua Revista.

Primeiro veio de uma fonte, que só mais tarde se poderá tornar em caudal de conhecimentos e informações uteis, não lhe enriquecem as paginas artigos de alto valor scientifico ou literario, pretendendo apenas os auctores dos trabalhos que vão impressos demonstrara boa vontade que têm em auxiliar o tentamen da associação a que pertencem. Em grande parte deste primeiro numero rende culto o Instituto á memoria de Domingos Martins, heroico vulto da revolução pernambucana de 1817 —tão discutido, porém cada vez maior, á medida que os annos passam—precisamente na data do centenario do seu supplicio como martyr da Republica.

Elevados são os fins que tem o Instituto em vista,— seja desculpado o meio empregado, se desvalioso.

A COMMISSAO DE ESTATUTOS E REVISTA

Joaquim José Bernardes Sobrinho.

Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.

Arthur Lourenço de Araujo Primo.

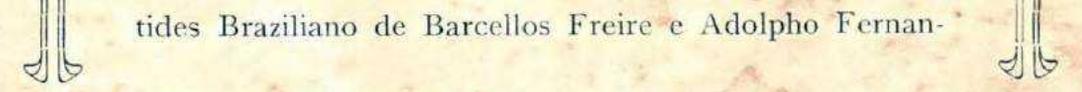
Jonas Meira Bezerra Montenegro.

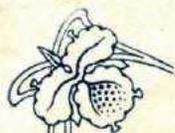
Carlos Xavier Paes Barretto.



Acta da fundação, em 12 de Junho de 1916 do Instituto Historico e Geo- graphico do Estado do Espirito Santo

Aos doze dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e dezeseis, em uma das salas do edificio do Congresso Legislativo do Estado do Espirito Santo, cedida para a fundação e a séde provisoria de uma associaçãe destinada ao estudo da historia nacional e da geographia, especialmente no que se referisse ao Estado do Espirito Santo, reuniram-se, além dos promotores da idéa—Drs. Antonio Francisco de Athayde, Carlos Xavier Paes Barreto e Pharmaceutico Archimimo Martins de Mattos, os seguintes cavalheiros: Tenente-Coronel Marcondes Alves de Souza Junior, por si e como representante do Exmo. Snr. Dr. Bernardino de Souza Monteiro, Presidente do Estado, Desembargadores Manoel dos Santos Neves, Anesio Augusto de Carvalho Serrano, Francisco de Paula Mèndes Wanderley e Afonso Claudio, Drs. Arthur Lourenço de Araujo Primo, José Bernardino Alves Junior, J. J. Bernardes Sobrinho, José Espíndula Batalha Ribeiro e Henrique O'Reilly de Souza, Padre Dr. Elias Tommazi Podestá, Padre Camillo Loureiro Bento, Dr. José Sette, Professores Aristides Braziliiano de Barcellos Freire e Adolpho Fernan-





des Ribeiro de Oliveira, Coronel Marcondes Alves de Souza, Professores Francisco Rodrigues da Fraga Loureiro e Alonso Fernandes de Oliveira, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Professores Eduardo de Andrade Silva, Arnulpho Martins de Mattos e Amancio Pinto Pereira, Dr. João Lordello dos Santos Souza, Professor Antonio Aunon Sierra, Dr. Luiz Jouffroy, Dr. Antonio Gomes Aguirre, Dr. Targino Neves, Dr. Adolpho Mario de Oliveira, Dr. Henrique de Novaes, Dr. Deocleciano Nunes de Oliveira, Dr. Carlos Sá, Francisco da Silva Rufino, Dr. João Manoel de Carvalho, Dr. João Bernardino Alves, Dr. Manoel Xavier Paes Barreto, Luiz Fraga, Dr. Aristoteles da Silva Santos, João Calmon Adnet e Arthur Antunes Barbosa Brandão. Assumiu a presidencia da reunião o Dr. Antonio Athayde e completaram a mesa os Snrs. Pharmaceutico Archimimo Mattos, convidado para secretario, e Dr. Carlos Xavier, escolhido para orador. Abrindo a sessão, o Snr. Presidente convidou o representante de S. Exa. o Snr. Presidente do Estado a occupar o lugar de honra e, em seguida, deu a palavra ao orador, Dr. Carlos Xavier, que produziu longo e eloquente discurso, no qual expoz o fim da reunião, declarando que dois motivos tinham em vista os subscriptores do convite para ella : o de promover a fundação de um gremio que se destinasse ao estudo de geographia e de historia do Brasil e especialmente do Espirito Santo, e o de tratar da commemoração da gloriosa data republicana cujo centenario passará decorrido apenas mais um anno ; descreveu a revolução de 1817 e o papel que nella tivera



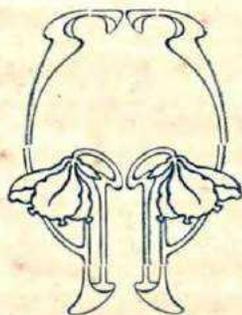


Domingos Martins, contestando, a respeito, Tollenare, Pereira da Silva e Porto Seguro ; encareceu a necessidade do estudo de historia e, traçando varios fastos espirito-santenses, referiu-se á guerra hollandeza, á expulsão dos inglezes, á dos francezes, e a lutas intestinas ; terminando, propoz a fundação do gremio a que em principio alludira. Submettida a discussão e depois a votação, foi aceita, por unanimidade de votos, a idéa da fundação do Instituto de historia e geographia. Em seguida, o Presidente declarou que daria a palavra a quem della quizesse usar, afim de se manifestar sobre o nome da nova associação, e ficou assentado, depois de varias considerações de alguns dos presentes, que fosse o de—INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO ESPIRITO SANTO. Propoz o Dr. Carlos Xavier que ficassem vigorando provisoriamente para a associação os Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sendo designada uma commissão para a organização dos Estatutos definitivos. Approvada a proposta, apresentou o Pharmaceutico Archimimo Mattos, para constituirem a commissão, os nomes dos Snrs. Desembargador Affonso Claudio, Dr. Araujo Primo, Dr. Deocleciano de Oliveira e Professores Aristides Freire e Amancio Pereira. Foi aceita, unanimemente, a indicação, com a emenda do Dr. José Sette de fazerem tambem parte da commissão os que se achavam constituindo a mesa. Usaram ainda da palavra, para discutir assumptos de interesse do Instituto, os Drs. João Bernardino, Carlos Xavier, Araujo Primo, Targino Neves, José Sette e Professor Sierra, ficando resolvido que, até á consti-



tuição definitiva do Instituto, continuasse dirigindo-lhe os destinos, a mesma comissão que levantara a idéa de sua fundação, auxiliada pelo Dr. Araujo Primo, no character de 2º secretario ; que fossem considerados socios fundadores todos os que compareceram á reunião ; finalmente, deliberou-se marcar o dia 14 de Julho proximo para nova reunião, na qual deveria ser apresentado e lido o projecto dos Estatutos. Nada mais havendo a tratar, o Snr. Presidente, depois de agradecer aos presentes o concurso trazido para a fundação do Instituto, encerrou a sessão, convidando todos a assignarem a acta, que estava sendo lavrada. Eu, *Arthur Lourenço de Araujo Primo*. servindo de segundo secretario, a escrevi.

(Seguem-se as assignaturas).



Discurso pronunciado na sessão de fundação do INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO pelo orador Dr. Carlos
Xavier Paes Barreto, a 12 de Junho de 1916

*Fins da reunião. DOMINGOS MARTINS e o papel que representou
na revolução de 17. Refutações a Varnhagem, a PEREIRA
DA SILVA e a TOLLENARE.*

*Plano da conspiração, seus antecedentes, denuncia e execução.
Governo republicano e seu termino.*

*Necessidade de uma associação historico geographica.
Literatura espirito santense.*

Luctas de que foi theatro o Espirito Santo e seus vultos notaveis

Exmos. Snrs. representante do presidente do Estado e Presidente do Tribunal Superior de Justiça. Senhores.

Duplo objectivo visa a reunião que neste momento nos congrega e para a qual tomamos a liberdade de convidar o distincto auditorio aqui presente. E' o primeiro o de promover a fundação de um gremio destinado ao estudo da historia e geographia nacionaes e especialmente do Espirito Santo.

Fuster de Coulanges, na «A Cidade Antiga» salienta que em certo tempo, não houve na velha Grecia logar algum, por pequeno que fosse, que não empregasse a attenção em registrar e rememorar o que nella se passara.

E os gregos se glorificavam com taes cerimoniaes, pensando, como mais tarde, o fez Emmanuel Kant, que os verdadeiros homens do presente são aquelles que têm o culto de respeito pelo passado. E nós, Snrs., estamos certos que, como na vetusta patria de Socrates, será aqui recebido com ufania, um instituto que, cultivando as nossas tradições, revivendo feitos que nos toquem na fibra patriotica, entoando preces á religião do civismo, venha, cada vez mais, por em relevo as grandezas do berço de Domingos Martins, o heroe que soube, com o seu innarravel civismo, morrer tornando-se immortal, o glorioso pedaço de terra brazileira onde Maria Ortiz deu energicos exemplos de patrio amor.

E' o segundo fim que eu peço permissão para tratar em 1º logar, o de commemorar a gloriosa data republicana que o dia de hoje relembra.

E, paraphraseando João Brígido, que pedia ao leitor se descobrisse para ler o nome de Domingos Martins, bem poderia solicitar do auditorio que se levantasse, por um instante, ao menos espiritualmente, enquanto eu falasse de um conspicuo representante de nossa raça, do glorioso martyr, há 99 annos, da tyrannica e covarde autoridade do Snr. Conde de Arcos.

O valor do heroe brasileiro e a grandeza do movimento que lle dignificou com o seu denodo, para ser calculado, porquanto de medida não é susceptivel, seria bastante attender as ultimas palavras, do digno espirito-santense quando, já algemado de pés descalços e corda ao pescoço, aguardava o momento em que o seu sangue generoso ia desaparecer para saciar a prepotencia dos inimigos do Brasil: «Ide dizer ao vosso sultão que eu morro pela liberd...»

E effectivamente, em nome da liberdade, foi que, ao lado dos mais finos espiritos de sua epocha, Domingos Martins explodiu em movimento revolucionario, o mais completo até então, nos arraiaes das ideas democraticas, fundando o primeiro governo republicano.

Não importam a interpretação calumniosa, os juizos infundados feitos sobre Domingos Martins.

Não importa a critica injusta com que eminentes vultos têm encarado a revolução de 1817, a unica revolução republicana que a denuncia não fez abortar.

Não importa a indifferença com que o emérito historiador Visconde de Porto Seguro analysou-a, achando-a tão pouco sympathica que desejaria pol-a fora do quadro.

E' admiravel, realmente, que um publicista dos meritos do autor da Historia Geral de Imperio pensasse em passar a pagina, sem commentar, um movimento como o que se desenrolou em Pernambuco no governo de Caetano Pinto. Não foi, porém, o unico cochilo do mestre, de quem, refutando erros, disse Beaurepaire Rohan, ser apenas um estropiador da Historia do Brasil.

Sem alistarmo-nos no numero dos aggressores de Varnhagem, não podemos deixar de salientar a parcialidade e acrimonia com que olhou sempre para tudo quanto se passou na velha Capitania de Duarte Coelho. Basta attender-se a que o erudito historiador chegou a negar a autoria da Prosopepéa a Bento Teixeira Pinto, embora tivesse de vir, mais tarde, confessar o erro, quando esmagado pelos contendores que demonstraram pertencer áquelle distincto escriptor o titulo de patriarcha da literatura brasileira.

Pereira da Silva excedeu a Varnhagem na antipathia aos heroes do mais civicamente bello de todos os movimentos que florescem na historia da campanha republicana e encara Domingos Martins como um ambicioso, Domingos Theotônio um demagogo atrabiliario, Padre João Ribeiro um automato, José Luiz um pobre de espirito, ao passo que D. João VI um typo cheio de virtudes.

O que vale á memoria dos revolucionarios é que Pereira da Silva, com o seu systema improvisador, apenas logrou em historia um logar provisório.

Nas suas obras, já disse o magno diplomata brasileiro no seu tempo, Joaquim Nabuco, não ha criterio; escrevia historia em viagem, em hotéis, nas escrivaninhas dos bancos e, naturalmente, com esses habitos nomades, não poderia recorrer a bibliothecas e archivos e nem sequer a livros de consulta.

E prova de sua falta de conhecimentos historicos deu-nos, conforme prova Maximiano Machado, na propria narração da Republica de 6 de Março. Fez partir a denun-

cia do ouvidor Antonio Ferreira, ter sido morto a espada o brigadeiro Rodrigues, dá o Roma enterrado no Campo de S. Amaro, fala nos serviços de João Roberto e apresenta Domingos Martins como bahiano.

Ora, Antonio Ferreira não se chamava o delator, padre Roma foi fuzilado na Bahia, ninguem existiu na revolução denominado João Roberto nem brigadeiro houve com o nome de Rodrigues e o ministro do commercio do governo provisório era espirito-santense.

Acima, porém, de Pereira da Silva Varnhagem. Roster ou qualquer escriptor do movimento de 1817, está Muniz Tavares. testemunha ocular dos acontecimentos e cuja obra publicada com reflexão meticolosa, 23 annos após a revolução, não soffreu contestação dos muitos contemporaneos dos factos que nelles tomaram parte como legalistas ou republicanos.

O fundamento, porém, de todas as diatribes assacadas provem de Tollenare cujas apreciações não podem no tocante a revolução merecer criterio:

a) porque, elle é o primeiro a confessar, penalizado, a ausencia de exactidão em suas notas;

b) porque detestava em principio as revoluções;

c) porque os francezes residentes em Pernambuco, ao inverso dos inglezes, se mostraram contrarios ao movimento;

d) por que, além disso, Tollenare sentiu-se melindrado com as medidas hostis tomadas contra seus conterraneos;

e) porque foi prejudicado em seus interesses commerciaes;

f) porque o seu brigue foi rejeitado para a exportação de familia da America do Norte,

g) porque escreveu no proprio dia da revolução sem a reflexão precisa.

E temos ainda uma razão poderosa; é o rancor de Tollenare que, francamente, sem dissimular, affirmava sua aversão por Domingos Martins a ponto de preoccupar-se até com a elegancia deste que, no seu entender, a uma legua de distancia, cheirava a *sans culottes*.

Mas, ainda assim, lendo-se attentamente as «Notas Dominicacs» verifica-se que Tollenare põe as responsabilidades da revolução sobre o governador fugitivo que dispunha de poderosa artilharia, ao passo que tinham apenas os rebeldes 3 peças de campanha e um

regimento. E nellas não se nega a coragem, o sangue frio, a discreção e a indifferença de Martins.

Um estudo, ligeiro mesmo, mas criterioso, será bastante para trazer á convicção do espirito imparcial a nobreza da revolução de 6 de março que não foi apenas uma aspiração local, mas oriunda de um accordo entre varios Estados para um fim nacional.

Emissarios foram ao estrangeiro e seguiram para o norte e para o sul do paiz, destacando-se o padre Alencar no Ceará, o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima na Bahia, Kesner, na Inglaterra e Cabugá nos Estados Unidos.

Pereira da Silva, inconsequente, como sempre, nega o caracter de um plano definido á revolução.

Que outra conspiração teve tanta unidade e elevação de vista? Que outro movimento teve tão ponderada elaboração?

Bateram-se os revoltosos com o inimigo proprio, por uma causa certa, mantendo o maximo respeito á ordem, á propriedade e ao lar, conseguiram mesmo a implantação do regimen republicano, embora com o percurso dos 74 dias que separam o 6 de Março do 20 de Maio de 1817.

Eu não quero traçar aqui o que foi a grande Odysséa de 6 de Março, a que faltou apenas o seu Homero.

Ao raiar, o seculo 19 encontrava a nossa patria curvada á mais ferrenha prepotencia do reino portuguez.

As idéas progressistas, pregadas em varias partes do Brasil, agitavam os animos dos brasileiros que procuravam espelhar-se na revolução dos Estados Unidos, na independencia das republicas hespanholas e, theoreticamente, na tomada da Bastilha.

Em Pernambuco, sobretudo, as expansões patrióticas se faziam sentir. Os descendentes dos heróes da guerra batava se inflammavam na de 1710. Esta foi suffocada, é certo. Suffocadas não foram, porém, as idéas democraticas e o antagonismo reinante entre os brasileiros perseguidos, em seu proprio solo, e portuguezes perseguidores.

Pernambuco que, aliás, é o 1º lugar do Brasil na ordem topographica, onde tocam os europeus e os americanos septentrionaes, atrahiu os espiritos livres, já então mais ou menos cultivados, para o que grande fora o serviço prestado pelo Bispo D. Azevedo

Coutinho, com a criação do Seminario de Olinda.

O povo vibrava de indignação contra a metropole madrastra e resam as tradições que uma conspiração se tramou em 1800, sob o protectorado de Napoleão, sendo por tal respeito aprisionado Francisco de Paula Cavalcanti. Governava Pernambuco o fraco Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que não era um deshonesto, mas indolente e sem energia, permittiu a fraude e, commodamente administrando, deixou que os seus auxiliares exercessem o despotismo costumado, não dando ouvido ás queixas que lhe levavam os apprimidos, contra impostos exaggerados.

Por outro lado, ainda não havia desaparecido a rivalidade entre brasileiros e portuguezes, que fundamente ficára em Pernambuco, após a guerra dos Mascates.

Fundaram-se lojas maçonicas, areopagos importantes e varias sociedades nativistas.

Arruda Camara organisou o areopago de Itambé ao qual se juntaram o de Cabo e Paraizo.

O Governo Imperial tivera sciencia dos acontecimentos mas o futuro Marquez da Praia Grande suppunha que os independentes se divertiam.

Estes, porém, trabalhavam, ao contrario do que ingenuamente acreditava o Governador de Pernambuco. E a labor mais efficaz se tornara desde 1814, quando viera residir no Recife Domingos Martins, ex-socio da importante firma londrina Dourado Dias & C., com a qual honradamente liquidara seus negocios, como gerente, em cuja qualidade, para proveito da empresa, viajara, fundando filiaes em Lisboa, Rio, Bahia, Maranhão e Ceará.

Era um grande espirito, illustrado com selecto convivio, brilhantemente educado na Inglaterra, cuja historia politica e administrativa estudara. Na velha Albion travara conhecimento com Hyppolito da Costa e estivera em intimo convivio com o General Francisco Miranda, que se batera na independencia americana e que lhe inflammara, muitas vezes, o seu já arraigado patriotismo.

Eloquente, rico, attrahente, em pouco tempo tornou-se popular o heroico filho de Itapemirim e alliando-se ao nucleo brilhante dos patriotas pernambucanos, soube com a sua facilidade de palavra augmentar os elementos existentes.

Os animos estavam preparados para a explosão a 6 de Abril quando um facto, talvez occasional: o espancamento de um soldado brasileiro do batalhão dos Henriques, serviu de pretexto afim de precipital-a. A ordem do dia de 4 de Março accelerou os acontecimentos e, em 10 dias, a revolução dava aos patriotas a posse da capital.

As medidas tomadas haviam sido pelo ilheo Carvalho Medeiros, alcunhado Carvalhinho, denunciadas ao ouvidor José da Cruz Ferrão e, por este, ao Governador. Convocado, então, o Conselho, do qual o unico brasileiro, o brigadeiro José Peres Campello, ficou excluído, foram condemnados á prisão Domingos Tenorio, José de Barros Lima, Pedro Pedroso, Souza Tenorio, José Mariano, padre João Ribeiro, Antonio Cruz e Domingos Martins.

Precipitada e violentamente foram detidos Domingos Martins e outros civis pelo Marechal José Roberio.

Quando, porem, o brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa foi desencarregar-se de effectuar a prisão dos militares, a começar por Domingos Theotonio, a situação mudou e, aos gritos de traição, José de Barros Lima, auxiliado por José Mariano, puxou da espada e cravou-a no peito do prepotente militar, travando-se então a maior confusão, no meio da qual foi morto o proprio tenente Manoel Alexandre Aquino, ajudante de ordens de Caetano Pinto.

Solto o glorioso martyr espirito-santense, pelo tenente Antonio Henriques, veiu aclamado pelos patriotas.

No auge do enthusiasmo, officiaes e soldados tiraram as armas reaes das barretinas e, a 6 de março, após o brado energico de Pedro Pedroso, foi proclamada, pela primeira vez no Brasil, a republica federativa, sendo a 7, no edificio do erario, eleito, dentre os mais dignos cidadãos, os 5 membros que deviam compor o governo provisorio.

O ministerio ecclesiastico recabio no padre João Ribeiro Pessoa Montenegro, literato de merecimento e intelligencia esclarecida, e legitimo herdeiro das idéas scientificas e democraticas de Arruda Camara. O proprio Tollenare, considerando-o bom naturalista, dizia-o instruído e sem fortuna, sendo bastante philosopho para despresal-a, porque, não tendo ambição, só respirava a liberdade, por amor da qual somente agia.

Para ministro da guerra, tendo a seu cargo o commando das tropas, foi escolhido o valente militar Domingos Theotonio Jorge Martins Pereira, espirito militarmente educado que dera sempre as mais relevantes provas de sua bravura indomita.

Coube a pasta da agricultura a Manoel Correia de Araujo, culto e abastado fazendeiro que, com honestidade e trabalho, conseguira impor-se á estima publica.

Para ministro da magistratura foi eleito o celebre autor do «Preciso», o talentoso advogado José Luiz de Mendonça que era (é Tollenare quem diz) um jurisconsulto cheio de conceito e cuja presença attrahiria para o partido a gente de mais peso.

O ministro do commercio foi Domingos Martins, que, além da competencia e operosidade, se distinguia pela sua probidade profissional, mau grado as accusações de commerciante fraudulentamente fallido, aliás oriundas de cartas do cel. Maler ao Conde de Richelieu.

Esqueciam-se os detratores que, do mesmo modo que na gemma não lapidada o brilho se reflete nas arestas, mostrando a pureza, assim na conducta de homens como aquelle de quem tratamos, a pureza apparece, mesmo atravez do pó da maledicencia e da inveja.

Os socios de Domingos e os encarregados da massa fallida, foram os primeiros a provar, do modo inequivoco, a nobresa da correcção do ministro do governo republicano.

Continuou a secretariar a administração José Carlos Mayrink e, após, o padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o celebre padre Miguelinho que redigiu a brilhante proclamação em que, aliás, salientou-se pelo sentimento de justiça e de generosidade.

Apezar dos predicados de intelligencia e de sensatez dos administradores, elles pediram luzes aos mais illustres e organizaram um conselho composto de vultos da notabilidade do philologo Moraes e Silva que foi logo dispensado, de Gervasio Pires, o honrado pernambucano e de Antonio Carlos, o redactor das leis adoptadas, auxiliados ainda pelo Deão Bernardo Ferreira e Pereira Caldas.

Intimado pela commissão, a frente de José Luiz, capitulou o governador, sendo obrigado a sahir e, a 21 de Março, no Campo do Erario, solememente, ás 8 horas da

manhã procedeu-se a benção da bicolor bandeira, ceruleo branca, sem insignias reaes.

O movimento, da capital se dirigiu a todos os pontos de Pernambuco e se estendeu a Parahyba, Rio Grande, Ceará e Alagoas, cujos governos se submeteram ao do Recife que conseguiu prender ao ouvidor Cruz Ferreira e ao juiz de fóra de Goyanna.

A contra revolução de Alagoas tomou incremento e varios revezes atropellaram á republica que foi, afinal, victima das forças terrestres, sob Cogominho e do bloqueio do vice-almirante Rodrigo Lobo. As villas de Tracunhaem, Santo Antônio, Pau d'Alho se declararam solidarias com o reino e a monarchia foi restaurada.

Ainda assim Domingos Theotônio, então dictador, assumiu o commando, Francisco de Paula dirigiu as forças de Ipojuca e Domingos Martins as de Serinhaem.

Apanhados de surpresa, refugiram-se Martins e Souto em uma cabana de gentios.

Denunciado, por uma india, o illustre filho de Francisco José Martins e Joanna Luiza Santa Clara Martins, foi preso e, com outros, remettido, nos porões immundos do Mercurio e Carrasco, para a Bahia onde, chegando a 9 de Junho, a 11 já a commissão militar, nomeada pelo Conde de Arcos, lavrara a sentença condemnando Martins *a morte natural cruelmente*.

De seus companheiros de Pernambuco, uns com as mãos cortadas e amarrados á cauda de cavallos, outros soffendo os mais atrozes supplicios; todos mostravam que acima de tudo estava a defesa da Patria.

Tres annos mais do que Christo ao ser crucificado, tinha Domingos Martins quando, na Bahia, a 12 de Junho de 17, no «Campo da Polvora» hoje dos Martyres, de frente erguida, olhar sereno, vê passar o funesto cortejo, o official a cavallo e o vermelho alcaide e calmamente recebe a palma do martyrio gritando, com escarneo, a celebre phrase que o seu confessor não deixara terminar.

E, assim, era victima da covarde perversidade do Conde de Arcos que, havendo jogado com a revolução pernambucana, nella encontrava uma porta aberta para penitenciar-se de seus crimes.

Foram tres os martyres do dia 12 e incursos todos nos §§ 5 e 8, Tit. 6 da Ord. L. 5º e gloriosamente condemnados nas penas do § 9º que os tornaram infames e hoje

os tornaram heroes: Domingos Martins, José Luiz de Mendonça e o Padre Miguelinho.

A 99 annos caia o heroe no Campo da Polvora, elevando-se, porém, no Campo da Gloria.

E, a contrario sensu do *ave Cezar morituri te salutant* dos romanos, na arena do circo, os que ficaram é que batem palmas ao que morreu, a essa grande figura dominadora que para dar idéa de grandeza, será bastante a citação do nome.

E', por isso, que, nada mais existindo de sua fórma material, o seu espirito ainda nos guia.

O Espirito-Santo deve zelar pelas glorias desse illustre compatricio que, aliás não foi o unico da familia. Seu irmão André Martins tambem prestou serviços ao movimento sendo preso a primeiro de Junho de 17.

Francisco José Martins, tambem espirito-santense, secretario de Domingos na expedição de Serinhaem, foi um denodado combatente na revolução de 17, tendo sido denunciado por Antonio da Silva Castro, Capitão-mór do Ceará, a quem escrevera convidando a fazer a revolta no Ceará.

E mais tarde, ao lado de Frei Caneca, bateu-se no memoravel movimento de 24, que a historia registou com a denominação de Confederação do Equador.

Cabe-nos provar, que não é axiomática a regra de Eça de Queiroz, quando disse que os povos latinos querem todos os dias um novo Deus para adorar.

Que fique, portanto, meus senhores, desde já lançada a idéa, que será a primeira a ser objectivada por este gremio, de commemorar para o anno, com o maior brilhantismo o 1º centenario da morte de Domingos Martins, o glorioso brasileiro que honra o berço natal, pelo acendrado patriotismo e pelo amor ás letras.

Porque Domingos Martins foi tambem um literato, um poeta de valor, como se poderá aquilatar do seu ultimo soneto, dedicado a esposa e á patria. Eil-o: (*)

Meus ternos pensamentos que sagrados
Me fostes quasi a par da liberdade !
Em vós não tem poder a iniquidade ;
A' esposa voae, narrae meus fados.

(*) Do «Mosaico Pernambucano».

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella d'alma reinava na metade,
E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu Numen primeiro,
A esposa depois o mais querido
Objecto do desvelo verdadeiro ;

E na morte entre ambas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro,
Será de outra o ultimo gemido.

E agora, meus senhores, que já expuzmos um dos fins de nossa missão, passemos ao outro objectivo desta reunião que é a fundação de um Instituto Historico e Geographico Espirito Santense.

Eu não preciso encarecer o valor da historia, maximé no tempo actual em que tal ramo de conhecimento tomou até o titulo de sciencia, após as investigações dos Vicos e Novicows, perdendo o seu exclusivo característico de chronica, para tomar o cunho philosophico, de modo a poder, não só conhecer o passado, como também perquirir as causas e consequencias dos acontecimentos.

Entre nós, desde Hanstader, que, com a Historia de um Paiz situado no Novo Mundo, foi quem primeiro escreveu sobre Historia do Brasil, não falando aqui de Pedro Vaz Caminha, a nossa historia é mal conhecida, não obstante ter sido a sua necessidade reconhecida, mesmo officialmente, com a criação dos cargos de chronista das Indias, chronista mor do reino, chronista do Brasil, cargo que, em 1673, foi exercido por Diogo Gomes Carneiro e chronista do Imperio, cujo 1º serventuario foi Ignacio Accioly.

No Brasil, desde 1838, uma comissão da sociedade auxiliadora da Industria Nacional fundou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cujos serviços á patria têm sido inestimaveis.

Em Pernambuco o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano é um vasto campo onde se encontram elementos para o estudo do Brasil e especialmente daquelle heroico pedaço nortista do Brasil.

E hoje quasi todos os Estados possuem o seu Gremio Historico.

No Espirito Santo ha uma lacuna.

E' a que nós, meus senhores, nos lembramos de convidar-vos a preencher, fundando uma associação que nos traga dados para conhecermos porque devemos amar o Brasil, desejando a harmonia e o desenvolvimento que constituem o lemma de nossa bandeira e a opulência da sua grandesa material, representada no auriverde do pavilhão, portador espiritual das nossas tradições gloriosas ; uma associação que nos faça robustecer a consciencia do motivo porque devemos ter o culto a este glorioso Estado onde as glorias passadas parece que se entrelaçam com a grandesa presente e fornecem elementos para confiarmos no mais ridente porvir.

Sim, porque não é tão incolor como se supõe a historia do Espirito Santo.

Si Pernambuco foi o berço do primeiro literato brasileiro, Bento Teixeira Pinto, pode-se, sem receio de contestação affirmar também que o Espirito-Santo serviu de ninho da literatura brasileira.

Aqui foram escriptas as primeiras obras de nossa literatura, do mesmo modo que um dos primeiros ensinamentos de civilização com os esforços de José de Anchieta, e Pedro Palacios.

Depois da abnegada obra de Leandro Nunes e Diogo Jacomo em 549, tres grandes missionarios prestaram no Espirito-Santo os mais assignalados serviços á civilização brasileira : Affonso Braz, Pedro Palacios e José de Anchieta.

O primeiro iniciou o progresso de nossa capital e a construcção, pode-se dizer, da igreja de São Thiago e do palacio antigo hoje reconstruido, de accordo, com as modernas regras d'arte.

Affonso Braz, que fundou varias povoações espirito-santenses, foi quem deu começo a catechese dos topinambas e goytacases, attirando-se a tão notavel trabalho desde 1551 quando chegou á terra de Vasco Coutinho.

Pedro Palacios, o primeiro missionario franciscano aqui vindo, em 1558, depois de ter estado em Porto-Seguro, foi o celebre constructor na ermida dos Palmeiras, da ermida de São Francisco, onde a 2 de Maio de 575 se finou concebendo a idéa da erecção desse maravilhoso monumento do qual já disse o Padre Francisco Antunes de Siqueira :

«Entre altas montanhas negrejantes
De risonha quasi eterna primavera
Uma se destaca que isolada fica
Onde a penha grandiosa impera.
Sinão é de Rhodes o colosso altivo
Ou de Delphos o templo sumptuoso
E' monumento de virtude heroica
Em dia de espirito piedoso.»

E' a Penha que no pincaro do monte,
tendo em baixo o mar, se deslumbra. E' a
grande obra que no Poema Marianó, Do-
mingos de Caldas assim menciona :

«A milagrosa Penha se descreve
E os elementos todos conjurados
A mais brilhante luz mais branca neve
Vai mostrar a seus advogados.
O hollandez á villa não se atreve
Foge, rouba os thezouros consagrados
No dia em que esta aurora se festeja.»

Mas deixemos Pedro Palacios em sua que-
rida ermida ao lado de Antonio dos Martyres.
Francisco de Paula Sant'Anna, Frei Simão
de São Boaventura que nos legaram trabalhos
de valor, é certo, mas não deram á sciencia o
incremento levado por Madre Deus e José
de Anchieta.

José de Anchieta, cujos restos mortaes
tivemos a fortuna de possuir e a cuja me-
moria o Espirito-Santo tem a saldar uma
grande divida, viveu para os índios e entre
elles morreu em Reritigba, onde escreveu
a biographia de um seu companheiro na Bra-
silica Societatis Historia et vita clarorum
Patrum quirin Brasiliae.

Não se pode dizer aqui o trabalho ex-
traordinario de Anchieta que no Espirito-
Santo fundou Povoações, Villas e Cidades.

Sylvio Roméro considera-o como o mais
antigo literato brasileiro.

Deixando, porém, os illustres obreiros do
nosso progresso, encontraremos, nascido mes-
mo nas florestas espirito-santenses o valente
chefe dos temiminós, o indio Ararigboia
(Martin Affonso) que, a frente dos seus
200 índios flecheiros, na tomada de Villegai-
gnou, mandado a Estacio de Sá por Bel-
chior Azevedo prestou, em 1956, tão rele-
vantes serviços, defendendo o nosso territo-
rio da invazão franceza, que mereceu do
monarcha o vestido de uzo e o habito de
Christo.

O nosso solo foi alvo de lutas varias em

que o valor espirito-santense ficou registra-
do na historia.

O invasor Cavendish, pirata inglez, após
o saque feito em Santos, São Vicente e Ba-
hia, julgou opportuno vir tambem ao Espi-
rito Santo, então, em 1591, governado por
D. Luiza Grinaldo.

Uniram-se, porem, os nossos e entrin-
cheirados em tranqueiras, defenderam-se en-
ergicamente contra os ataques do Capitão Mor-
gan que teve de abandonar o campo.

Na formidavel guerra batava, o Espi-
rito-Santo entrou tambem com o seu conti-
gente de valor.

Foi d'aqui que, no Governo e com o
auxilio de Francisco de Aguiar Coutinho,
Salvador Correia de Sá e Benevides, poz
em derrota Pieter Heyn, com sua esquadra
de 8 navios, commandados pelo almirante
Patrik que, desembarcando 300 homens, for-
tificou-se em varios pontos para os comba-
tes de 12 e 14 de Maio de 629, em que
perdeu 38 soldados e deixou 44 feridos !

Ainda no dia seguinte (a 15 de Maio)
segundo affirma Britto Freire, a celebre Ma-
ria Ortiz com a chaleira de agua a ferver,
poz em debandada a força inimiga.

Tambem na guerra flamenga, notavel foi
o feito de 25 de Outubro de 1640, na admi-
nistração de Dias Guedes, quando em Victo-
ria fundeou a esquadra hollandeza comman-
dada por João Roin.

A 26 o patacho com as 19 embarcações
e os 600 homens commandados por João
Delki, as ordens de Nieuland, conheceu a
energia dos habitantes desta terra no com-
bate do Porto dos Padres onde foram ven-
cidos.

André Couto, Domingos Carneiro e ou-
tros bravos, a 28 de Outubro de 1640, no
Porto dos Padres, lutaram contra a esquadra
de 11 velas do Almirante João Delchi ma-
tando-lhes 300 hollandezes.

Ainda em Villa-Velha tentaram os inva-
sores que foram derrotados pelos Capitães
Adão Velho e Gaspar Saraiva.

Na revolução pernambucana de 1817 nós
já conhecemos o valor de alguns espirito-
santenses ; a bemdicta trindade dos 3 Mar-
tins, Francisco, André e especialmente Do-
mingos, cuja gloria de ter sido o berço, ainda
querem roubar ao Espirito Santo.

Macedo, Tollenare, João Ribeiro, Fernan-
des Pinheiro, Varnhagem, Pereira da Silva,
Rangel Moreira e o proprio vulto magestoso

de Ruy Barbosa dão-nos como bahiano e Larousse chega a dizel-o portuguez !

Que foi o Espírito Santo, o seu berço constataam Dias Martins, Bahr, M. Moraes, Tavora, Studart, existindo provas indiscutíveis de seu nascimento na velha cidade su'ista.

Nas Cortes Constituintes o Espírito-Santo mandou o Dr. Ramos Santos que foi um distincto professor em Coimbra.

Em 22, nas lutas da independencia, fez a antiga provincia sentir a sua acção.

Na Confederação do Equador, ao lado de Frei Caneca, batalhou Francisco Martins e na abdicação em 31 tomou parte o Padre Marcelino Duarte.

No periodo da Republica do Piratini—os soldados embarcados no Ururão, na celebre Abri'ada, se insurgiram.

Na historia da liberdade dos escravos, tem o Espírito-Santo uma brilhante pagina. escripta em 1840 ; é a insurreição do Queimado, cuja descripção se encontra elegante e eruditamente feita pelo nosso illustre patrio Dr. Affonso Claudio.

Varios escravos, entre os quaes se distinguiaam João Pequeno, Domingos Carcunda, Elysiario e outros, em numero superior a 200, animados pelo Padre Cisitella de Trento e Gregorio de Beneze se insurgiam. A conspiração foi rebellada pelo alferes Varella em 2 dias. Vinte quatro escravos foram condemnados, alguns dos quaes a açotes e 5 a pena de morte, mau grado os esforços do abolicionista Dr. João Climaco.

Na propaganda republicana saliente foi a acção de varios espirito-santenses.

Patrioticos clubs se fundaram.

Em Victoria o Saldanha Marinho e em outros muni'ipios diversas aggremações congeneres se organisaram.

Dos Jornaes republicanos sobre-existe ainda o «Cachoeirano».

Filhos illustres nos não tem faltado.

O illustrado Dr. Affonso Claudio, em uma bella obra sobre a literatura espirito-santense, mostra os trabalhos do Padre Marcellino Ribeiro, Gonçalves Fraga, Padre João Climaco, Soido, Braz Rubim, José Marcellino, Padre Antunes Siqueira e muitos outros, para não falarmos aqui sinão dos mortos.

E por outro lado, vemos a grandeza de nossas mattas, a opulencia de nossas terras, a riqueza de nosso sub-solo affrontando a cubiça estrangeira.

Mas para que tantas tradições e tantas

riquezas não passem quasi obscuramente, precisamos tornar conhecidos o corpo e a alma do Espírito Santo ; isto é a sua geographia e a sua historia na concepção do Compayré.

Eu, proponho, portanto, em nome da commissão promotora da presente reunião, de mim composta e dos illustres espirito-santenses drs. Antonio Athayde e Archimimo Mattos, que seja fundado um gremio destinado ao estudo do Estado, sob o ponto de vista moral e sob o ponto de vista material e que a tal aggremação se dê o nome de *Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo*. (*)

.....

Acta da 2.^a reunião do Instituto H. G. do E. Santo, a 28 de abril de 1917

Aos vinte e oito dias do mez de Abril de 1917, presentes os Snrs. Drs. Antonio Francisco de Athayde, Presidente ; Carlos Xavier Paes Barreto, Orador ; e mais os socios Drs. Arthur Lourenço de Araujo Primo, Antonio Martins de Azevedo Pimentel, e Adolpho Fernandes Ribeiro de Oliveira, o Snr. Presidente abriu a sessão, convidando para occupar o lugar de 1.^o Secretario o Snr. Dr. Arthur Primo, visto achar-se ausente o Snr. Secretario, Pharmaceutico Archimimo Martins de Mattos, e para 2.^o Secretario, Adolpho Fernandes Ribeiro de Oliveira. Depois de haverem occupado seus lugares, o Snr. Presidente declarou á casa que com seus companheiros da Directoria, tomara providencias no sentido de solennemente festejar-se o dia 12 de Junho, que era o primeiro anniversario da fundação deste Instituto, como tambem por se commemorar o primeiro centenario da morte do insigne patriota conterraneo Domingos Martins.

Usaram da palavra, os Snrs. Drs. Carlos Xavier, Arthur Primo, Antonio Pimentel e Adolpho Oliveira, e depois de haverem discutido, ficou deliberado que, antes de tudo, se constituísse definitivamente o Instituto, para o que se fazia mister a approvação dos estatutos, cujo projecto achava-se sobre a mesa, e que em seguida fosse eleita a respectiva directoria e as commissões permanentes. Para o dito fim, convocou-se um nova reunião para o seguinte dia ás 7 horas da noite.

(*) Publicado no «Diario da Manhã» de 14 de Junho de 1916.

O Dr. Carlos Xavier, Orador, deu sciência á casa de que, na ausência dos demais membros da Directoria, abriu um telegramma dirigido ao Instituto pelo 1º secretario do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, convidando a fazer-se representar nas festas commemorativas do 1º centenario da revolução de 17. Tomou a resolução de delegar poderes ao Dr. Mario Mello, que brilhantemente se desempenhara do encargo.

Tendo sido submettido esse acto á apreciação da assembléa foi unanimemente approvado, bem como a proposta de se agradecer ao mesmo Dr. Mario Mello os bons serviços prestados.

Foram propostos e acceitos socios honorarios, por proposta dos Drs. Antonio Athayde, Jonas Montenegro e Carlos Xavier, os Snrs. Conde Jeronymo Monteiro e Affonso Celso e Drs. Sá Vianna, Mario Mello e Oliveira Lima.

E nada mais havendo a tratar o Snr. Presidente encerrou a sessão. E eu, *Adolpho Fernandes de Oliveira*, 2º Secretario lavrei esta acta.

ACTA da 3ª reunião realizada em 29 de Abril de 1917

Aos vinte e nove de Abril de mil novecentos e desesete, presentes os Snrs. Dr. Antonio Francisco de Athayde, Presidente ; Dr. Arthur Lourenço de Araujo Primo, 1º Secretario ; Adolpho Fernandes Ribeiro de Oliveira, 2º Secretario ; Dr. Carlos Xavier, Orador, e mais os socios, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Ubaldo Ramallete Maia, Padre Dr. Elias Tommazzi, professor Antonio Aunon Sierra, é lida e approvada a acta da reunião anterior. O Snr. Presidente diz que é a ordem do dia a approvação dos estatutos que foram organizados pela commissão cujo relator é o Snr. Dr. Araujo Primo.

Submettidos á discussão, os referidos estatutos, artigo por artigo, e apresentadas varias emendas, são approvados, juntamente com as ditas emendas.

Procedeu-se após a eleição da Directoria, ficando composta dos seguintes socios :

Presidente, Dr. Antonio Francisco de Athayde, (reeleito) ; 1º Vice-Presidente, Dr.

Ubaldo Ramallete Maia ; 2º Vice-Presidente, Dr. Arthur de Araujo Primo ; 3º Vice-Presidente, Padre Dr. Elias Tommazzi ; 1º Secretario, Dr. Antonio M. de Azevedo Pimentel ; 2º Secretario, Professor Adolpho Fernandes de Oliveira ; Orador, Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, (reeleito) ; thesoureiro, Professor Arnulpho Mattos.

Em seguida foram tambem eleitas as commissões abaixo : de admissão de socios : Dr. Muniz Freire, Desembargadores Carlos Gonçalves e Santos Neves, Dr. Levino Chacon, Elpidio Pimentel ; de Historia, Dr. Affonso Claudio, Professor Amancio Pereira, Dr. Carlos Sá, academico Luiz Fraga, Dr. José Sette ; de Geographia, Professor Aristides Freire, Dr. Henrique O'Reilly de Souza, Dr. Americo Coelho, Dr. Targino Neves, Dr. Aristoteles Santos ; de Etnographia e Archelogia, Dr. Andrade e Silva, Dr. Azevedo Pimentel, Dr. João Lordello, Dr. Manoel Monjardim, Adolpho Fraga ; de orçamentos e Fundos, Vlademiro da Silveira, Coronel Marcondes Alves de Souza, Dr. José Bernardino Alves Junior, Dr. Antonio Aguirre, Maestro Antonio Aunon Sierra ; de Estatutos e revistas, Dr. Bernardes Sobrinho, Dr. Arthur Primo, Dr. Jonas Montenegro, Dr. Azevedo Pimentel e Dr. Carlos Xavier Paes Barreto.

Para a commissão extraordinaria das homenagens civicas á memoria de Domingos Martins foram escolhidos alem dos membros da directoria os seguintes cavalheiros :

Dr. Henrique Nôvaes, Dr. Argeu Monjardim, Dr. José Batalha, Dr. Diocleciano de Oliveira, Padre Camillo Bento, Coronel Marcondes de Souza Junior, Dr. Eurico Aguiar, Luiz Jouffroy, Dr. João Bernardino, Francisco Rufino, Professor Francisco Loureiro, Arabello Lellis, Aurino Quintaes e Nilo Bruzzi.

Propõe o Dr. Azevedo Pimentel, 1º Secretario, que os eleitos tomem immediatamente posse de seus cargos, e que se officie aos demais convidando-os a se empossarem. Unanimemente approvada a idéa, são empossados o Presidente, Vice-Presidentes, Secretarios, Orador e membros presentes das commissões.

O Dr. Carlos Xavier, Orador, communicou que recebera um officio do Dr. Mario Mello, 1º Secretario do Instituto Archeologico Pernambucano, varios trabalhos, bem assim duas gravuras da bandeira da revolução republicana, do que a casa ficou sciente.

E nada mais havendo a tratar, o Snr. Presidente declarou encerrada a sessão, marcando para ordem do dia da 1ª reunião, a posse dos eleitos que ainda não a tenham tomado, e trabalhos da comissão. E para constar, eu, *Adolpho Fernandes Ribeiro de Oliveira*, 2º Secretario, lavrei esta acta.

.....

ACTA da 4ª reunião a 17 de Maio de 1917

Aos desesete dias do mez de Maio de mil novecentos e desesete, na sala das sessões deste Instituto, presentes Dr. Antonio Francisco de Athayde, Presidente ; Dr. Arthur Lourenço de Araujo Primo, 1º Vice-Presidente ; Padre Dr. Elias Tommazzi, 2º Vice-Presidente ; Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1º Secretario ; Dr. Carlos Xavier Paes Barreto, Orador ; Adolpho Fernandes Ribeiro de Oliveira, 2º Secretario ; Dr. Jonas Meira Bezerra Montenegro, declarou o Snr. Presidente aberta a sessão.

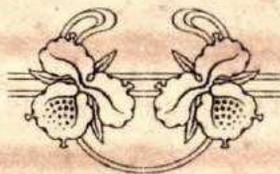
Pedindo a palavra, agradeceu o Dr. Carlos vier, propoz que se officiasse á Camara Municipal de Jaboatão, Estado de Pernambuco, para agradecer-lhe o haver dado a uma de

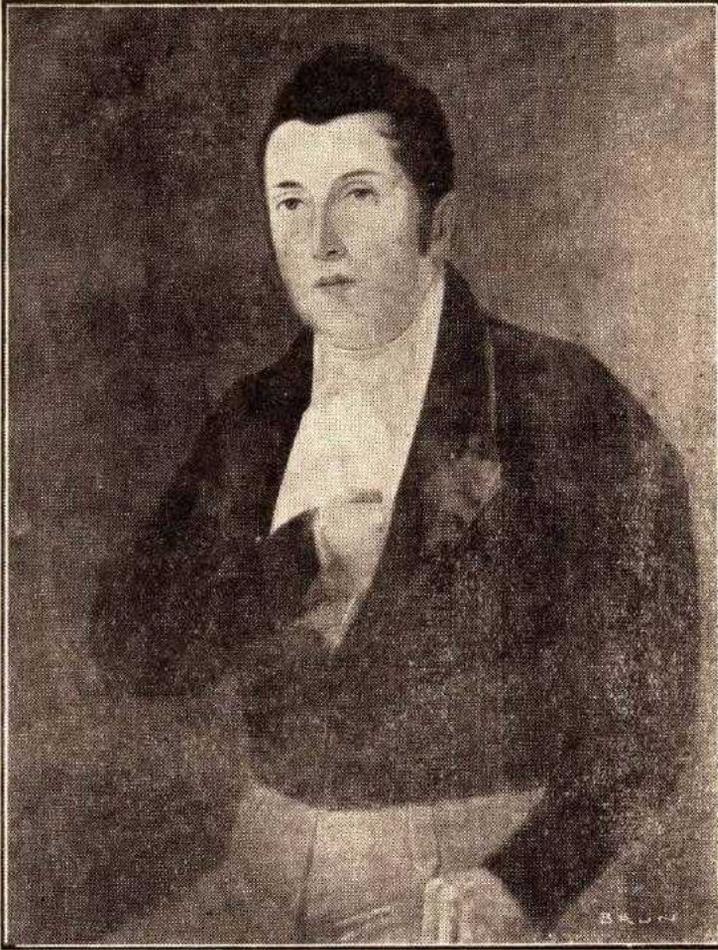
suas escolas o nome do insigne patriota, nosso conterraneo, Domingos Martins.

Tendo sido posta a proposta a votos, foi unanimemente approvada. Em seguida, pedindo a palavra o Dr. Jonas Montenegro propõe que se publique no 1º numero da revista deste Instituto, o discurso do Snr. Dr. Carlos Xavier, por occasião da festa de 15 de Novembro do anno passado, e em que se encontra um longo estudo sobre a formação da nacionalidade brasileira.

Pedindo a palavra agradeceu o Dr. Carlos Xavier a generosa lembrança do seu confrade declarando, entretanto, que a grande extensão de seu discurso em relação com o tamanho da revista, o facto de conter esta já 2 trabalhos seus e ainda o motivo de ter sido combinado que no 1º numero a revista se cingiria a trabalhos referentes ao Espirito Santo, não seria possível attender a magnanima proposta. Requereu então o Dr. Jonas Montenegro que constasse da acta a sua proposta e que fosse submettida a consideração para ser objectivada no 2º numero da revista, o que foi approvedo.

E não havendo mais nenhum socio pedido a palavra, nem nada mais a tratar-se, o Snr. Presidente encerrou a sessão, eu, *Adolpho Fernandes Ribeiro de Oliveira*, 2º Secretario, lavrei esta acta que vai assignada por todos os presentes.

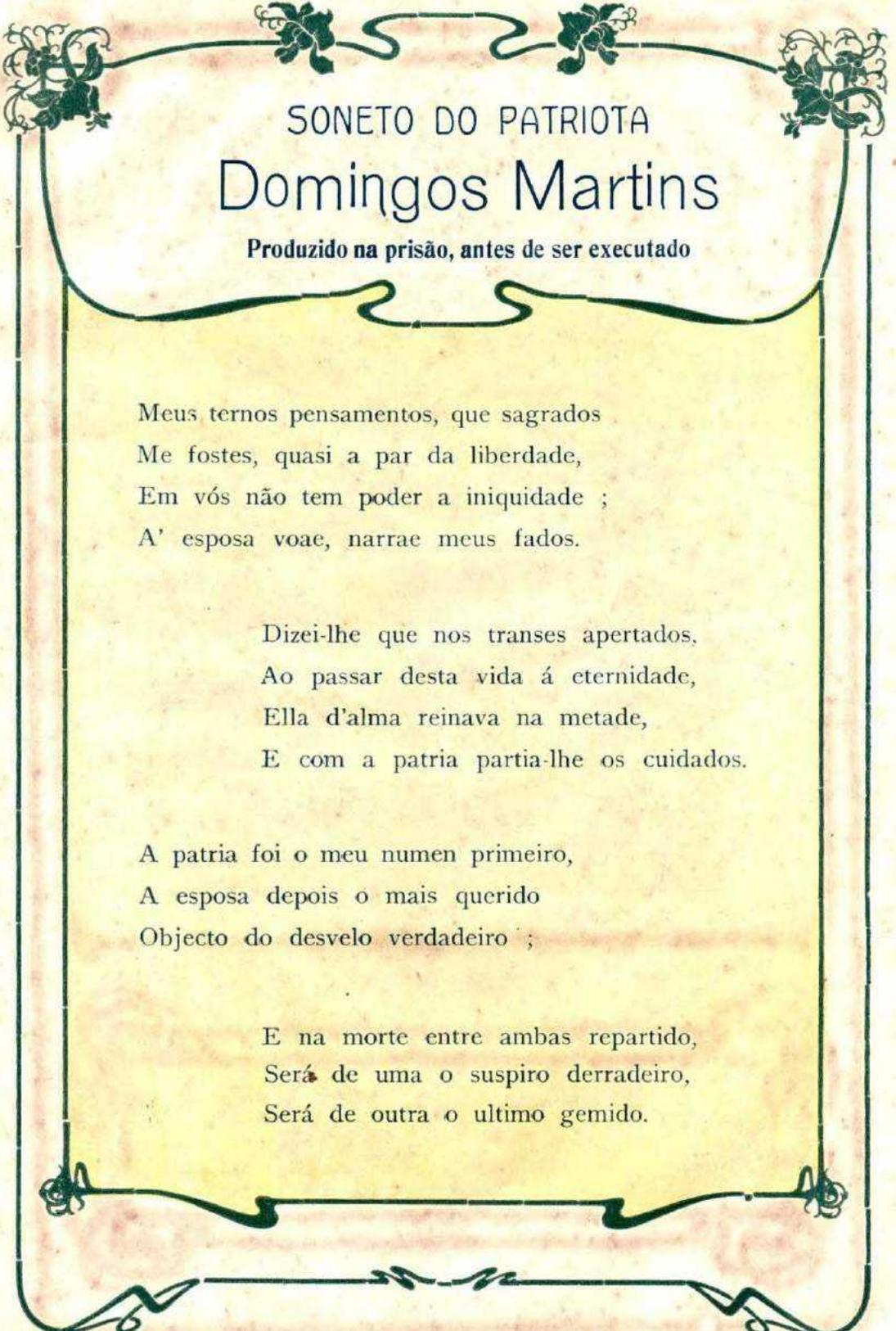




Domingos Martins

*“Ide dizer ao vosso sultão que
eu morro pela liberd...”*





SONETO DO PATRIOTA

Domingos Martins

Produzido na prisão, antes de ser executado

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes, quasi a par da liberdade,
Em vós não tem poder a iniquidade ;
A' esposa voae, narrae meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella d'alma reinava na metade,
E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu numen primeiro,
A esposa depois o mais querido
Objecto do desvelo verdadeiro ;

E na morte entre ambas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro,
Será de outra o ultimo gemido.



1817

CULTO PÚBLICO

1917

Sua preeminencia nos destinos humanos

A GLÓRIFICAÇÃO DE DOMINGOS MARTINS

O dia de hoje é consagrado á commemoração do patriota Domingos Martins, primeiro centenario do seu sacrificio na Bahia, no *Campo dos Martyres*, antigo da *Polvora*, a 12 de Junho de 1817.

O dia 12 de Junho foi considerado feriado no Estado do Espirito Santo, por acto do governador Dr. Affonso Claudio, na Resolução de 1889, e pelo Decreto n. 22 de 19 de Abril de 1890, declarado dia de festa civica.

E', pois, para o Brasil inteiro, *maximé* para o Espirito-Santo, berço querido do insigne patriota, uma data magna de nossa historia, cuja memoria de sua morte, desperta-nos as homenagens civicas que lhe devemos prestar hoje.

X

O regimen republicano baseando-se no profundo sentimento de fraternidade universal, não pode bem manifestar-se, sem um systema de festas publicas, destinadas a commemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações, devendo cada Patria instituir o culto proprio a essas festas, segundo a veneração que cada uma dellas possa invocar, pelas relações especiaes que ligam os seus destinos aos destinos de todos os povos.

E' pelo culto que se exercitam os sentimentos altruistas, amando-se e praticando-se o bem que se deve para melhor servir a Humanidade.

Effectivamente, um dos fundamentos essenciaes da existencia social e moral do homem, é a religião.

E' a criação a mais bella, a mais completa e a mais sublime da nossa especie.

Estado de unidade e estado religioso, são phrases synonymas.

Amar, pensar e agir ; eis a trilogia de nossa vida.

E' o seu objecto real, util e positivo, pois toda sociedade tem uma religião, e toda

religião tem um culto, tem um dogma, tem um regimen.

Ha diversas synthezes parciaes ou religiões ; mas, todas ellas têm um alvo commum : ou olhem para os Ceus, ou olhem para a Terra, estabelecem sempre a harmonia e a correlação na sociedade em que servem.

Caminhamos naturalmente para uma syntheze geral, que é a religião da Humanidade, onde todas as almas de *elite* ou de pendores altruistas de todas as religiões, se devem encontrar, confundindo-se em um só ideal supremo, verdadeiro hymno de amor, que é a fraternidade universal.

Quando tivermos attingido a essa phase final ou de maduresa da evolução humana, cada homem, e todos os homens viverão em estado de plena unidade individual e collectiva, isto é : sentimentos, ideas e actos formarão a harmonia social do individuo e da especie, tornando-os sympathicos, syntheticos e synergicos.

O dominio religioso está evidentemente repartido entre o amor e a fé.

O amor não se deve tornar nunca mystico, porque o verdadeiro culto não permite concepções sobrenaturaes. A fé deve ser sempre demonstravel, é a sciencia : eis o dogma.

Tudo isso é incontrastavel para o estabelecimento da ordem e para o desenvolvimento do progresso moral e social do meio em que se vive, cujos estudos constituem o objecto da sociologia.

E' pelo methodo de filiação que registramos os materiaes concretos e estudamos os documentos historicos de todos os povos e bem assim o verdadeiro conhecimento geographico da Terra, formando o *substractum* de suas concepções.

Trabalha-se sempre para a felicidade humana.

O gráo de aperfeiçoamento moral de um povo, está na razão directa das homenagens que elle presta aos seus illustres an-

tepassados, a cujas glorificações se apertam os laços de continuidade e solidariedade da espécie humana.

Um povo que não historia as glórias dos seus filhos, que não commemora o bem, a virtude e os feitos altruístas dos seus benemeritos, dos seus heróes, dos seus sábios e dos seus estadistas, não tem existencia regular, é uma collectividade anormal, anarchica ou retrograda, que se extingue naturalmente na imminencia de uma ruina moral irreparavel.

Realmente, cada homem digno do seu nome, cada verdadeiro servidor da Humanidade, possui duas existencias distinctas e successivas: uma que constitue a vida propriamente dita, material e temporaria; e outra que começa depois da morte, é permanente, definitiva e indirecta. A primeira chama-se vida objectiva, e a segunda que é o resultado da primeira, que só se desenvolve no espirito ou no coração pela tradição ou pela memoria dos seus serviços, chama-se vida subjectiva. E' isto que constitue a unica immortalidade real do homem, conforme a importancia dos seus feitos, cujos resultados exaltam a perpetuidade de seu nome, de accordo com o gráo de civilisação em que se acha.

Incontestavelmente não se pode bem avaliar a relevancia dos serviços prestados por um homem, sinão depois da sua morte. Começam então as provas para o seu julgamento sem desnatural-as com injustiças graves, que tanto revoltam os sentimentos dos contemporaneos, como perturbam a serenidade do julgamento final pela Posteridade.

Na vida subjectiva de um homem, a pureza das nossas affeições não é mais maculada ou suspeitada por nenhum interesse subalterno. Ha a superioridade de sentimentos, porque nada mais nos domina, senão o verdadeiro amor, desinteressado e são, que é o altruismo, *viver para outrem*.

A apreciação affectiva deve preceder á apreciação intellectual. A poesia antes da sciencia.

O amor deve preceder ao estudo do que nos preoccupa.

Les grandes pensées viennent du cœur. Esta phrase concisa e profunda do moralista Vouvenargues, condensa o principio da sciencia regenerada pelo maior dos sábios: *para saber é preciso amar primeiro*, isto é, *o amor por principio*.

O amor, segundo a lei do dever, é toda vida moral do homem. E' a evangelisação da especie.

Amci, amai, segundo o dever, disse Santo Agosinho, e fazei depois o que quizerdes.

Di i a geril escriptora Madame de Staël: *No mundo não ha nada de real sinão amar.*

Effectivamente o coração é o orgão do amor, o amor é o culto, culto é a purificação dos sentimentos humanos.

Eis a lei da reinvidicação moral dos povos. Venerar é amar superiormente. Eis a preeminencia do culto publico nos destinos humanos.

Assim, nesta simples palavra—Amor—resume-se a historia de Deus e da Humanidade.

Feitas estas considerações abstractas sobre o culto publico, estudemos agora a parte especial da commemoração, limitando-nos aos commentarios historicos, indispensaveis, para tecer a corôa de louros sobre a fronte augusta do predestinado patriota Domingos Martins, pela relevancia dos seus abnegados serviços, postos em acção de commando, pelo advento da patria republicana.

— 2 —

A revolução pernambucana que explodiu prematuramente em Recife, extendia-se por todo Brasil; mas, radicava-se ao norte pelos ideaes libertadores, restaurados na França e na Inglaterra, cujo elevado intuito era implantar nas patrias da America do Sul o regimen republicano.

Bolívar, San Martin, Belgrano, Miranda, Domingos Martins e outros formavam a pleiade dos arautos e dos paladinos da santa causa redemptora das patrias americanas.

Era o orgão politico do movimento da nossa independencia desde 1807, o *Correio Brasiliense* que se editava em Londres, com a orientação patriotica do notavel e destimido jornalista Hyppolito José da Costa Pereira de Mendonça, que doutrinava livremente pela separação do Brasil, concitando abnegados companheiros para a campanha gloriosa de libertal-o do jugo lusitano, que era tyranno.

Domingos Martins inspirou-se nesse fóco ardente da politica colonial, revelando-se uma capacidade organisadora e operativa de chefe do partido.

Coube-lhe ,então, na qualidade de ne-

gociente illustrado e rico, entreter relações de camaradagem, muito intimas e proveitosas, com Hyppolito da Costa e outras politicos celebres do velho continente, entre os quaes citamos o general Francisco Miranda, o libertador de Venezuela, que o admirava grandemente.

As graves injustiças e as temerarias delações fermentadas no odio rancoroso de estrangeiros ousados contra brasileiros humilhados dentro de sua Patria enscenaram os prodromos da revolução.

O patriota espirito-santense combinara secretamente dentro e fóra do paiz, o trama da conspiração contra a nefasta realcaza.

Não poupava esforços intellectuaes e moeraes, nem todos seus bens de fortuna para o triumpho da cruzada de salvação nacional. «Agitar era uma funcção nobre nos filhos da America, que dormia o somno profundo do captiveiro e succumbia garroteada pela tyrannia das leis e dos governos». (J. Brígido).

Tudo evoluia no sentido de ser coroado de feliz exito, a digna aspiração dos patriotas. Para «expulsar os hospedes importunos que tinham invadido a casa e governavam nella.» (Oliveira Martins), quando acontecimentos imprevistos precipitaram o movimento, determinando o insuccesso da revolução, e sellando cada defensor da liberdade, com seu generoso sangue, a temeridade indomita de conspirar contra o energumeno governo de D. João VI !...

Ia começar o martyrologio dos patriotas.

Domingos Martins era considerado o traidor indigno e o chefe dos bandidos, na phrase insolente do Conde dos Arcos, governador da Bahia.

Os aduladores do throno tornaram-se implacaveis para com as victimas da revolução. Exgotaram o codigo das perfidias, em genuflexão ao rei, infligindo-os barbaros supplicios ! E, os patriotas tiveram que ceder diante da brutalidade esmagadora dos soldados da tyrannia !

Já o vulto veneravel do intimerato padre Roma havia sido executado, na Bahia, em 20 de Março de 1817.

Domingos Martins entra em campo de batalha contra o marechal Cogominho, e nas margens do rio Merepe é destroçado e ferido por um grupo de sicarios, bandos de *carcundas* (realistas) que o aprisionaram, amarrando-o e supplicando-o deshumanamente até

o Recife, com todos seus desditosos companheiros.

Em cumprimento de ordens dadas, aportara na Bahia em 9 de Junho o navio sinistro denominado *Carrasco*, trazendo vilmente acorrentado o chefe da Revolução mallograda e mais 69 companheiros de infortunio, torturados na mais abjecta promiscuidade.

A idiota multidão recebe em festas a desdita dos prisioneiros !... E, depois de um julgamento summario do tribunal de sangue, incompetente para julgal-os por crimes de lesa-magestade, é a 12 de Junho de 1817 arcabuzado no campo da Polvora o egregio espirito-santense Domingos Martins, bem assim seus dois fieis companheiros, os dignos patriotas Padre Miguelinho e o Dr. José Luiz de Mendonça !...

Nesse transe dolorosissimo da existencia, portaram-se todos com a maior dignidade e altivez, dando o testemunho solemne do mais acrysolado amor civico, de uma conducta irreprehensivel até a hora derradeira !

Triste fatalidade !

Os soldados assassinos entre as acclamações ruidosas da inconsciente multidão, erguem vivas ao el-rei, Senhor !

Estava, pois, consumado o sacrificio !...

Ia começar a immortalidade dos martyres da Revolução.

O epilogo do martyrio é o preludio da consagração da gloria.

×

«O verdadeiro patriotismo é, portanto, antes de tudo, humano..... O Amor da Patria humana não permite conceber que a Patria ordene jamais a pratica de crimes quaesquer individuaes e sobre tudo de crimes de lesa-Humanidade. Assim não foram traidores ás suas Patrias e nem aos seus povos e á sua raça, Cromwel, Condorcet, Danton, Washington, Francklin, Bolivar, Toussaint, Tiradentes, DOMINGOS MARTINS, José Bonifacio, Benjamin Constant... todos os libertadores em summa dos povos occidentaes. São essas individualidades que representam *realmente* as patrias, os povos, as raças, e não os que têm a desgraça de deixar-se arrastar pelas demasias do egoismo, quer nacionalista, quer dynastico, aristocratico, domestico ou pessoal». (R. Teixeira Mendes.— Pela Humanidade ! VIII pag. 14).

X

O Governo Provisório dos patriotas pernambucanos, foi o melhor plano político-administrativo, concebido e organizado em toda nossa historia colonial, digno de admiração. Foi um exemplo de moralidade.

«A revolução de 1817 foi o exemplo raro de probidade nos tumultos, e de moderação nas revoltas d'um povo tyrannizado, em frente a seus dominadores, soberbos e vaidosos de proeminencia secular e dos privilegios de castas». (J. Brígido).

Suas proclamações são verdadeiros ensinamentos civicos, dignos de serem imitados. O governo provisório mantêve a ordem inalteravel; arrecadou moderadamente a renda publica; estabeleceu o tratamento cordal-de *Vós* e aboliu as *Excellencias* da pragmática corteza; e finalmente, adoptou a symbolica bandeira do novo estado.

O patriotico governo de Pernambuco querendo honrar condignamente a memoria dos martyres da Revolução, por occasião das festas do seu centenário a 6 de Março ultimo, decretou como bandeira do seu glorioso Estado, a bandeira dos patriotas, a sagrada reliquia d'aquelle movimento politico.

Essa homenagem posthuma do Estado de Pernambuco equivale a um culto publico. E' uma consagração feita pela Posteridade.

Foi infelizmente para nossa civilização, uma perda comparavel a uma retrogradação para mais de meio seculo, o mallogro do certamen libertador, deixando o rei com sua inepta e vadia camarilha, continuar a desfructar prodigamente o Paiz, até sua volta precipitada para Lisboa, onde occurrencias gravissimas periclitaram os seus dominios.

Na manhã de 26 de Abril de 1821 parte D. João VI e sua corte, levando os nossos ricos thesouros—ouro, prata, pedras preciosas e o credito, deixando-nos por ironia da sorte—a crise, a miseria e a bancarrota!

Desorganizou tudo, annullando por decretos tudo quanto havia feito durante sua permanencia entre nós.

Lisonjeando o rei, os aulicos influíam nocivamente nos negocios publicos.

Realmente é uma lamentavel ingenuidade suppor-se, que se interrompe a marcha fatal das leis estaticas e dynamicas da sociedade, com decretos administrativos! A evolução caminha sempre, embora pareça, ás vezes, por algum tempo, retroceder.

X

Evidentemente, esse superior movimento politico é pouco conhecido pelos nossos homens publicos. A historia da Revolução Pernambucana escripta por Muniz Tavares, foi a que mais se aproximou judiciosamente da verdade; entretanto, tem pontos que se resentem da influencia perniciosa do astuto negociante francez Tollenare, que arvorado em critico officioso do movimento libertador, em suas *Notas Dominicæes*, aviltou os nobres sentimentos dos patriotas, profanando a memoria de Domingos Martins, de quem era seu admirador em principio da luta, mas que tornou-se depois um perfido, um detractor, por motivo de não ter sido aceita sua proposta ao Governo Provisorio, com preços exageradissimos, para importação de mercadorias dos Estados Unidos.

Eis aqui a deshonesta suspeição de Tollenare para fallar *imparcialmente* da Revolução de 6 de Março!...

E' uma infelicidade para nós, que tratando-se de cousas nossas, tenhamos ainda de beber informações em fontes suspeitissimas, e alem disso, estrangeiras!... E' admittivel que n'aquelle tempo, o governo da tyrannia tivesse empenho em baralhar os factos, para sequestrar-os da verdade historica, disvirtuando assim o patriotismo da causa; mas, agora, não é justo, que atravez de um seculo, se escreva ainda na Republica as mesmas contradicções desrespeitosas á memoria dos martyres pernambucanos, que sa-graram com seu sangue o advento do regimen actual.

X

Finalmente, cumpriram todos os patriotas os seus deveres civicos.

Deixaram-se martyrisar por amor da Patria que tanto extremeciam. E, se não resolveram efficazmente o problema da nossa independencia em 1817, comtudo puseram-n'o, nobremente, em evidencia.

Glorificaram-se!...

Cumpra o teu dever, succeda o que succeder. (Maxima cavalheiresca).

A Patria agradecida tambem cumprirá o seu dever civico, cinzelando na dureza do bronze a immortalidade desses benemeritos.

—*Venerar é amar superiormente.* O presente glorifica o passado, afim de melhor

servir o futuro das novas e successivas gerações.

Veneremos a memoria de todos os patriotas que tombaram no campo da honra, victimas impenitentes dos algozes da Revolução Pernambucana, de 6 de Março de 1817 !

Veneremos a memoria do patriota espirito-santense Domingos Martins, o grande apostolo da liberdade e ardoroso chefe da Revolução, cujos esforços supremos são ensinamentos cívicos que glorificarão sua im-

percevel obra, precursora de 15 de Novembro, deixando ao remorso, ao desvario e á perversidade inaudita dos que o sacrificaram deshumanamente, a phrase commovente de Condorcet :

Victima ou algoz, disseram-me escolhei : abracei-me á desgraça e o crime lhes deixei.

Victoria, 12 de Junho de 1917.

Antonio Athayde.

A Historia da Revolução de 1817

A historia do movimento revolucionario, que, no começo do seculo passado, se operou em Pernambuco e abriu um hiato de liberdade no despotismo feroz com que a Monarchia portugueza dirigia os povos sujeitos ao seo jugo absoluto, ainda está por se escrever. E não vae nesta affirmacão um paradoxo.

Os informes em que se basearam até hoje os escriptores que se têm occupado d'aquelle grande acontecimento do Brasil colonial, o maior incontestavelmente de quantos a nossa historia patria regista, como precursores da nossa emancipação politica, emanam do testemunho pessoal dos que a elles assistiram, como participes directos ou indirectos, e foram transmitidos á posteridade pela tradiçào oral ou escripta. São, portanto, fontes suspeitissimas de parcialidade a favor de uma das facções cujos interesses se chocaram n'aquelle momento historico.

Deante, pois, da difficuldade quasi insuperavel de se separar o joio do trigo, isto é, de se despir o facto da roupagem com que a tendencia personalissima de cada um dos observadores o vestio, de modo a resaltar a verdade em toda sua pureza, os nossos historiadores se deixaram levar pelas sympathias individuaes e escreveram as suas narrativas eivadas de apreciações inexactas.

Os que se fundaram no depoimento de Francisco Muniz Tavares (1) e J. J. Dias Dias Martins (2) applaudiram a revolução

endeosaram os seus autores ; ao passo que os que ouviram as suas informações nas chronicas de L. F. Tollenare (3), malsanaram aquelle succedimento e cobriram de apodos os que nelle tomaram parte.

Uns e outros, porem, mentiram ao fim a que se propuzeram e fizeram obra de ficção que não pode ser acceita sem muitas restricções e depois de um contraste rigoroso com outros elementos de convicção provindos de origem diversa. Não obstaente, aquelles autores continuam, ainda hoje, a ser os unicos mananciaes em que vão beber conhecimentos os que se dispõem a escrever sobre a mal'ograda revolução pernambucana.

E' realmente muito mais commodo e agradável compulsar-se um livro impresso em caracteres nítidos do que um grande *in-folio* escripto á mão, em calligraphia irregular e, ás vezes, quasi illegivel... E outra não é a razão da preferencia que deixa ao abandono e ás traças a grande cópia de documentos authenticos que possuímos e que bem espiolhados, viriam projectar grande luz sobre os factos que constituem o episodio interessante de 1817.

Uma das primeiras preoccupações das autoridades portuguezas, incumbidas de punir os implicados naquelle surto redemptor, foi como era natural, a apprehensão dos papeis pertencentes á mollagrada republica e aos homens a ella ligados. E, apesar do cuidado que alguns tiveram de destruir aquelles elementos de prova, como fizera o padre

(1) Historia da Revolução de 1817.

(2) Os Martyres Pernambucanos.

(3) Notas Dominicales.

Miguelinho que lançou ás chammas protectoras todos os papeis compromettedores do archivo do governo provisório que poudo levar consigo na foga precipitada, a messe foi abundante graças ás atribuições dos ultimos instantes em que cada um procurava salvar-se, carregando apenas o precioso fardo da vida, unico despojo que ainda lhe restava do naufragio medonho das suas illusões !

Os documentos assim colhidos foram presentes ás sanguinarias Commissões Militares, e mais tarde á celebre *Alçada* presidida por Bernardo Teixeira Coitinho de Carvalho, e figuram nos autos da *Devassa*. Outros, porém, encontrados depois de encerrado esse processo monstruoso, andam esparsos pelos archivos dos governos e das sociedades scientificas e em mãos de colleccionadores de autographos.

A maior porção desse inestimavel acervo documental, todavia, está recolhida ao Archivo Publico federal e á Bibliotheca Nacional. No primeiro d'esses estabelecimentos, figuram as peças do processo da *Alçada*, reunidos em 17 grossos volumes ; e, no segundo, uma grande quantidade de documentos soltos, atirados a granel, dentro de 10 gavetas. Lá, como aqui, não se obedeceo a criterio algum na organização dos taes volumes e na arrumação das gavetas ; não ha um indice que facilite a consulta ; não ha um systema na distribuição da materia que possa orientar o consultante ; reina o cahos absoluto e desafiar a paciencia resignada dos

investigadores.

Não sei si devido a essas difficuldades aliás superaveis, ou ao descaso dos nossos grandes historiadores, o certo é que ainda nenhum se abalançou á empreza ingente de enfrentar o problema e tirar a limpo a verdade que resumbra d'aquelles importantes documentos. E a prova do que venho de afirmar, está em que o Sr. Dr. Oliveira Lima, indubitavelmente um dos maiores investigadores das nossas cousas historicas, tendo sido incumbido pelo Instituto Archiologico e Geographico Pernambucano, de anotar a nova edição da obra mais completa que se ha publicado sobre os acontecimentos de 1817, de Francisco Muniz Tavares (1), pouco concorreo para esclarecer os pontos obscuros da questão, pois quasi só se limitou a contrapor á opinião do autor a de Tollenaar, e a tirar illações que geralmente mais traduzem um conceito pessoal que a verdade dos factos ; e lá ficaram á margem, mais uma vez, como bagaço inutil, as preciosas collecções de provas authenticas, á espera de alguem que, com ellas, queira reconstruir com a pureza primitiva o magestoso edificio que os patriotas idealisaram e executaram, e o sopro impetuoso da tyrannia derrocou.

Victoria, Junho de 1917.

M. TEIXEIRA DE LACERDA.

(1) op. cit.

RELIQUIA PRECIOSA

Sejam as demonstrações civicas que se realisam no dia de hoje o mais eloquente testemunho de que no coração brasileiro, qual amphora estimativa, guarda-se com carinho, affecto e admiração, na altura de uma reliquia preciosa, a memoria do Grande Vulto Historico Domingos José Martins, o Heróe que na manhã de 12 de Junho de 1817, no Campo dos Martyres, no glorioso Estado bahiano, com aquella coragem espartana, admiravel, enfrentou seus algozes a mando do rei, representado pelo conde dos Arcos, deixando irromper dos labios, no lu-

gubre momento de seu holocausto, essas magistraes palavras que valem por um poema vibrante de sua alma de patriota : « Vinde executar a ordem de vosso sultão, mas ficai sabendo que morro pela liberdade ! »

E foi justamente por ella, por esse ideal santo e digno que esposou com inabalavel crença, com a mais viva fé de cumprir um dever de homem cidadão, que elle fizera-se Apostolo convicto, denodado, indo até ao sacrificio que lhe foi imposto, como premio á sua tenacidade invejavel, a seu acendrado amor á consumação da varonil causa da Independencia Patria !

Recordemol-a sempre com amor civico !

PROF. AMANCIO PEREIRA.

REIVINDICANDO

Já hoje ninguém, ou, talvez mingudíssimo nurneo, duvida ou ignora ter nascido na então Provincia do Espírito Santo e não na da Bahia, o martyr republicano de 1817, Domingos José Martins, pelo familiar de *Bem-Bem* conhecido em sua terra natal, por ser também tractado seu pae o velho e honrado commerciante da casa sobradada do n. 16 da rua das Flores desta capital por esse mesmo appellido popular.

Injustiça lhe faz, entretanto, grande parte do povo em o suppor homem do vulgo sem nome especie de fascinado fanatico que, ignorante das leis mais corriqueiras da conveniência, se haja exaltado demasiadamente ao ponto de se comprometter a si e aos mais implicados na organização da malograda revolução republicana de 17.

Natural do Itapemirim, para onde fôram seus paes D. Joanna Martins e Joaquim Ribeiro Martins, por ser este, então nomeado official da 1ª linha daquella guarnição, como elle, naquella cidade nasceram também seus irmãos, mais novos do que o poeta e republicano, Francisco, André, Joanna, Luiza e Maria.

Ao tornar á capital, d'aqui se partiu por estudos em Portugal e, em vez do sapateiro que alguém suppoz, ao Espírito Santo Domingos Martins voltava, ao fim de poucos annos, o moço elegante e delicado, poeta a quem todos os salões se abriam com o maior gosto.

A inclinação pela vida do commercio furtou-o á Victoria, levando-o para a Bahia em 1812 e d'ahi para o Recife em 1814, não por desamor ao berço, antes sim porque os centros commerciaes do Norte maior vantagem offereciam, como se verifica da igual partida de seu pae para S. Salvador, a convite de seus tios maternos—abastados fazendeiros e negociantes alli.

E, porque era homem de acção e de trabalho cujo esforço fizera o commerciante rico não se pejara o abastado commerciante de Recife Bento José da Costa de o tomar por genro, nem seus companheiros de ideal lhe negaram o logar de destaque no Governo Provisorio e nas reuniões.

Verdade é que mui mal lhe valeu tal destaque, quando os successivos artigos de correspondencia para o *Times* procuraram allijar de alguns expertos o peso maior de uma responsabilidade grave attirada sobre os hombros masculos do heroe Espírito Santense.

Dos seus irmãos, sabe-se que não occuparam na Sociedade situações indignas, e sim, ao contrario, si se tem em vista a escolha de raça e de honradez a que se procedia com relação aos que pretendiam a vida clerical ou monastica, ou os altos postos do exercito: Francisco Martins, irmão do heroe, foi ordenado sacerdote; suas duas irmãs Luiza e Maria tomaram o véo das Carmelitas e André conseguiu subir ao elevado posto de Tenente-Coronel do Exercito.

Só a desolação provocada pela noticia da execução de Domingos Martins causou a mudança do appellido de Martins para o de Carneiro, num justo receio de possiveis perseguições da metropole vingativa.

Honado de character e altivo sonhador da liberdade, Domingos Martins foi, comtudo, ao em vez do que já se tem querido affirmar, o homem calmo e prudente, de vastissimo coração e bondade extrema, o que lhe mereceu de seus intimos e dos que o rodearam em Pernambuco, o sonoro e suave cognome de *Anjo da Paz*.

Victoria, em 12 de Junho de 1917.

J. M. B. Montenegro.

"HISTORIA DA REVOLUÇÃO DE 1817" DE MUNIZ TAVARES, ANNOTADA POR OLIVEIRA LIMA

6 Livro de Muniz Tavares

A gentileza amiga do illustre Dr. Mario Mello, Secretario do «Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano», proporcionou-nos empolgante prazer, com a lei-ura da magistral «Historia da Revolução de 1817» que, em commemoração ao primeiro centenario do magno movimento republicano, acaba de sahir, em 3ª edição, revista e brilhantemente anotada pelo erudito brasileiro Dr. Oliveira Lima, nome que, desde muito, já transpoz as fronteiras do Paiz para tornar-se tambem admirado no estrangeiro.

As 222 paginas do patriótico trabalho, publicado pelo saudoso Monsenhor Dr. Francisco Muniz Tavares e pelo proprio autor prefaciado em 1840, novamente destinado a correr mundo em 1884, augmentado com 56 notas elucidativas e criteriosa e magnifica introdução contida em 76 paginas, do Dr. Maximiano Machado, constituíam já um valiosissimo subsidio para a apreciação e o estudo da grande revolução que Oliveira Lima considera a unica em nossa nacionalidade digna d'este nome, sem confronto na nossa historia e na da America espanhola.

Testemunha da reacção em prol dos principios liberaes, Muniz Tavares assistiu nos Areopagos toda a elaboração mental da idéa revolucionaria; ouviu, por intermedio da palavra clara e persuasiva do eminente cientista Padre João Ribeiro e pelos labios ardentes e energicos de Domingos Martins os vibrantes ensinamentos do sabio Arruda Camara e do valente General Miranda, acerca da victoriá que os ideaes democraticos haviam conquistado na terra de Danton e Desmoulins e na de Lincoln e Washington e resou o credo democratico nas contas adamantinas do heroico rosario republicano.

Conviveu com os revoltosos, quando apenas revoltados, e verificou que na atmosphera espiritual em que elles respiravam, o ambiente estava impregnado do perfume inebriante da bondade, do civismo e do amor á justiça.

Aprendeu, na mesma escola dos martyres, a forrar o caracter com a resistente argamassa do patriotismo, para escapar á avas-

saladora corrente dos vis interesses.

Auscultou os corações d'aquelles vultos quasi lendarios e sentiu bem que elles somente palpitavam pela libertação patria.

Ouviu as fortes martelladas vibradas de encontro a extensa muralha em que se acastellava o despotismo e, com o malogrô do titanico esforço, viu a semente que elle ajudára a alimentar com vigorosa seiva, ser regada com o sangue generoso de uma coorte de bravos.

Verificou o contraste entre a noção da civica bondade dos patriotas e a ferocidade dos agentes reaes, que, antes mesmo de vencerem, já haviam experimentado a altivez revolucionaria, na execução illegal e cruel do eminente Padre Roma.

Viu na Bahia, o legalismo barbaro cruelmente tirar do carcere, para o martyrio, 3 de seus mais distinctos companheiros. José Luiz de Mendonça, Domingos Martins e o Padre Miguelinho constituíam a trindade benedicta, entregue, a 12 de Junho de 1817, á furia sanguinaria dos depositarios da autoridade real.

Nas grades da prisão, chegou-lhe aos ouvidos a noticia da installação, em Pernambuco, do celebre Tribunal que escolhera para sua primeira victima o valente Antonio Henriques, e teve sciencia da sorte de João Ribeiro, do Leão Coroado, do Padre Tenorio, de Domingos Theotônio, dos patriotas de côr e dos revolucionarios da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Conheceu, como se vê, os factos, ocular e auricularmente e foi até vidente quando prophetizou que viria um dia em que o 6 de Março seria de festa nacional.

Ninguem, portanto, melhor do que Muniz Tavares para descrever o quadro sublime horrivel de 1817. Pode ser, não ha duvida, averbado de suspeito.

O illustre patriota que, mais tarde, ainda defendeu, quando deputado ás côrtes constituintes, tão ardorosamente, os principios liberaes, havia sido discipulo e collega do eminente Padre João Ribeiro, era republicano e gemeu 4 annos de perseguições nos

carceres da Bahia. Por outro lado; a circumspecção, o amor á verdade, o respeito ao adversario e a generosidade para com o prostrado, são tradicionaes em Muniz Tavares.

Denodado combatente, nas côrtes, contra o despotismo exercido em Pernambuco, nem uma palavra articulou contra o Conde de Arcos, quando a corporação de que fazia parte procedia ao julgamento de D. Marcos, então humilhado e vencido.

Accresce que somente depois de 23 annos de reflexão, entregou sua obra ao juizo dos contemporaneos que a criticaram, porem não a refutaram.

E a imparcialidade e exactidão de Muniz Tavares, na sua obra de 77 annos, está plenamente demonstrada, com uma grande bibliographia, por Oliveira Lima que chegou a affirmar não comportar o trabalho emenda nem alteração, admitindo, apenas, ampliação, ante novos documentos encontrados.

A «Historia da Revolução de 1817», como muito bem qualificou Barbosa Lima é, pode-se dizer, o livro classico da revolução.

II

Anotações do Dr. Oliveira Plano da obra

Agora a obra, já por si, valiosissima, melhorada com o bellissimo trabalho de Maximiano Machado, acaba de conquistar alto grau de superioridade, com as eruditas anotações do Dr. Oliveira Lima, nome de indiscutível destaque pela illustração fora de commum, competência incontestavel em estudos de acontecimentos patrios, probidade litteraria, belleza de forma e pelo cunho de elaboração pessoal que sabe imprimir aos seus trabalhos.

O espirito superior e superiormente cultivado de Oliveira Lima e o seu amor á verdade historica, já nos davam o direito de prever o brilhantismo com que se desempenharia da tarefa commettida pelo «Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano».

E que soube corresponder á espectativa, prova-o o trabalho ora analysado e em que, de par com a elegancia no *savoir dire*, se encontra a narração dos factos, feita com a rara proficiencia dos mestres.

Abre o livro um bellissimo e substan-

cioso proemio em que o emerito annotador mostra a grandesa da revolução de 17 que considera, no Brasil, a unica digna deste nome e credora de entusiasmo pela sua feição idealista e pela realisação pratica.

A maior parte da introduccão se refere ao vulto summamente liberal do patriotico chronista da revolução.

Sucedem ás annotações, o appendice contendo dados diversos sobre a revolta no Rio Grande do Norte, lista dos 300 vultos nella implicados e dos 205 perdoados em 6 de Fevereiro de 18, os depoimentos de Muniz Tavares e, afinal, após o indice, o decreto do governo pernambucano, considerando bandeira estadual aquella que fora adoptada pela Republica de 1817.

E' a obra illustrada com as gravuras, algumas em duplicata, de Muniz Tavares, Brigadeiro Barbosa, Domingos Martins, José Luiz de Mendonça e Gervasio Pires Ferreira, da vista geral do Recife em 1817, da medalha commemorativa do centenario da revolução, da casa do Erario publico e da bandeira bicolor.

Sobre a origem das photographias, dá-nos conhecimento, quer na introduccão, quer na 86ª nota explicativa, attribuindo-as ao pintor Antonio Alvaes, tendo sido o pavilhão organizado pelo alfaiate O. Barbosa, ante desenho, naturalmente, do Padre João Ribeiro. Levanta apenas a duvida sobre a procedencia do retrato de Domingos Martins, cujo quadro, obra d'arte, superior ás demais, faz suppor nella tivesse trabalhado o pincel de Landseer que, um anno antes, estivera no Brasil (86).

No commentario e ampliação da obra de Muniz Tavares, não se limitou a analysar a revolução; investigou seus antecedentes mais proximos (21) encarnados; a) no incidente do alferes Cabral, do batalhão dos Henriques (24) e na ordem do dia 5 de Março, (21); reflexo do antagonismo entre brasileiros e portuguezes e cujas primeiras manifestações latentes e agudas se vão encontrar no grito de Bernardo Vieira, em 1710, (22), e b) nas difficuldades de alimentação e vestimenta soffridas pela guarnição, não obstante os largos recursos do erario pernambucano (20) que, mais tarde, foi zelosamente respeitado pelos republicanos (36).

Desceu a pesquisar as causas remotas representadas nas novas idéas dominadoras do seculo 18. Com o simples titulo de an-

notações bibliográficas, estudou, com a percepção do sociólogo e o olhar penetrante do psicólogo, o espirito dos homens e da sociedade de 17, deixando conscientemente organizados, os elementos para poder-se, de futuro, fazer a reconstrução moral da Republica pernambucana e dos homens que nella se envolveram.

Expostos os factos, directos e indirectos, como verdadeiro historiador que não se reduz ao papel de chronista, procurou os consequentes e, afinal, apresentou tambem as ramificações da revolta (76).

Particularizando o estudo á revolução, elevou-o, comtudo a uma vista geral do Paiz, entrelaçando até com idéas internacionaes, cuja superioridade reivindica para Pernambuco.

E' assim que (82) mostra caber aos heroes de 17 a proto-idea do pan-americanismo.

Cinco annos antes de Monroe, já os revoltosos, por intermedio de Antonio Gonçalves, o Cabugá, expunham, em 26 de Agosto de 17, a doutrina que immortalizou o celebre estadista norte-americano.

Factos da guerra hollandeza, (1) e origem de actos governamentaes, como a abertura dos portos brasileiros, (3) são tratados sob feição nova.

Pernambuco, é amplamente estudado (5) agronomica, politica (15), economica, administrativa, technologica, militar, judicial, social e intellectualmente. As annotações dão-nos perfeitamente a conhecer a agricultura, então especialmente manifestada no algodão e no assucar (4-6), com os respectivos preços e estatistica de exportação, a população (5), as rendas publicas, as organizações administrativa e judiciaria (5-9) de Pernambuco, com seus capitães-móres (8), as raças nelle dominantes, as suas festas (15), os impostos taxados (20), os regimentos de linha existentes (17), a situação de segurança publica (16), o estado intellectual da população (5), e o impulso dado ás letras pelo bispo D. Azeredo Coutinho (10), o fundador do Seminario de Olinda.

Lendo-se o trabalho de Oliveira Lima, obtem-se uma perfeita idéa do modo como se formavam as alçadas e se procedia nas execuções (17) e da difficuldade com que (53) a imprensa conseguiu penetrar, mesmo na epocha em que Ricardo Catanho veiu introduzil-a (53).

III

Vultos e factos da revolução de 17

Passando a tratar da revolução, estudou as suas causas, a influencia nella exercida pelos padres (11), cuja illustração superava a das outras classes (18) e que ali tinham 52 representantes, a acção directa dos arcebispos e Maçonaria (23), a confecção da bandeira (86), os incidentes do periodo revolucionario, suas proclamações (70-105) e projectos de lei (104-105-106), seus crimes (23) e suas virtudes e prolongamentos, a sensação que ella produziu na côrte (95), seus momentos de indecisão (102-107), a dissolução do governo provisório (114-117) e a restauração monarchica (64-94-116) ante os 8000 homens de Luiz do Rego (121), a posição das corvetas Aurora e Benjamim (97), o modo como foram recebidas a revolução (45-118) e a contra revolução (116), a nobresa dos presos nos carcerees (119) e a corrupção da alçada presidida por Bernardo Teixeira (125).

Traçou tambem, para tomar em consideração os elementos sociaes da revolução, o estudo biographico, a analyse psicologica dos actos humanos que nella se reflectiram pensando naturalmente que «o homem com as suas crenças e idéas e até preconceitos e fabulas é o constructor da sociedade».

E assim, fez passar espiritualmente pela vista do leitor os envolvidos no plano revolucionario, cuja lista apresenta.

O Padre João Ribeiro (14), philosopho democrata, «em cujo coração ardia a pyra da liberdade», Domingos Martins, o energico e stoicamente bravo patriota (27) e seus dois irmãos André e Francisco (87), Domingos Theotonio, o generoso dictador a quem, quando já de alva e corda ao pescoço a morte não aterrara (30-123), José Luiz de Mendonça, o illustre autor do «Preciso» (41) que voluntariamente se apresentára ao verdugão, dizendo-se o proscripto contra quem poderiam atirar e matar; José de Barros Lima o sexagenario cuja intrepidez e bravura (30-122) lhe haviam feito grangear o epitheto de Leão Coroado; Padre Roma, o eminente intellectual (73) que ao receber o castigo de seu heroismo, na phrase de Barbosa Lima, se enfileirára na região inconfundivel dos redivivos, Frei Caneca (109) o sabio ultramente patriota, Padre Miguelinho (37-50),

cuja abnegação não encontra rival, Pedro Pedroso (30), Antonio Henriques e Antonio Victoriano (31), bravos e intransigentes militares, Padre Domingos Tenorio (59), o puro e bondoso revolucionario, Barros Falcão (85-100), que com o Vigário Lins, affrontava Luiz do Rego, os 3 irmãos Souto Maior (132-108), Borges (66), Dantas Monteiro (31), que julga o alto sentimento da familia sem valor em contacto com a salvação da patria, Francisco, commandante da marcha, e os outros 2 Paulas, Francisco Paes Barreto, o abastado e fidalgo Marquez do Recife que, na opinião de Martins, podia por si fazer uma revolução, os membros do governo da Parahyba (65), A. Pereira, Ignacio Albuquerque, Leopoldo Silveira França e Augusto Carvalho (64), Tristão e José Martiniano de Alencar (72), Cabugá (27-82-88) que prestou serviço assignalados á propaganda e á Republica, Pereira Caldas (56), o deão Portugal (39), Gervasio Pires (25-57), Bourbon (48), Antonio Carlos (54), o brigadeiro Campello (20), Felipe Nery (38), Victoriano Almeida (32), André de Albuquerque (98), Souza Teixeira (30), Breyner (109), Padre João Gomes (108), João Pires (196), e, afinal, todos os grandes espiritos da revolução, exaltados ou moderados, são minuciosos e criteriosamente estudados nas annotações, sem esquecer aquelles que foram tardios em suas manifestações ou nella inconstantes, ou que, como Correia de Araujo (47), Mayrink (49) e Moraes e Silva (55), passivamente se subordinaram ao movimento. Tambem o denunciante Carvalhinho (25), a quem o proprio Luiz do Rego considerava intrigante e turbulento (228), o Conde de Arcos (80), Rufino Peres, Joaquim Ribeiro (8), Gonçalo Marinho (42), Filgueiras (67), José Costa (11) e, enfim, os legalistas, são apresentados ao leitor.

O trabalho commentado é, portanto, de summo valor e demonstra a operosidade, o espirito de investigação e a paciencia do Dr. Oliveira Lima.

IV

Apreciações contrarias ao

Dr. Oliveira Lima

Em varios pontos, aliás, não estamos absolutamente de accordo com o eminente escriptor.

Sem competencia para discutir com o mestre, não o acompanhariamos no tocante a interpretação de certos factos.

Não subscreveriamos, por exemplo a opinião externada na primeira de suas notas e já bastantemente conhecida no Brasil sobre a familia bragantina e sobre os incidentes que precederam á immigração da corte portuguesa.

Respeitando as ideas do erudito autor não podemos, entretanto, admittir que devamos nós brasileiros admirar (1 e 19) a conducta do Duque de Bragança, duplamente desleal, para com a Hollanda, prometendo aos Estados Geraes o que não deveria cumprir e para com o Brasil abandonando-o na maior crise da guerra hollandesa aos seus proprios recursos.

Preferimos a opinião criticada pelo Dr. Oliveira Lima, de Lopes Machado.

Para nós o celebre Papel Forte do Padre Antonio Vieira é uma das manchas solares.

V

Retutações a Tollenare

Não queremos prender-nos, porem, aqui sinão ao que se refere á revolução de 17.

Parece-nos que o illustre annotador, repositando o seu estudo especialmente nas Notas Dominicães de Tollenare, nas Viagens de Henrique da Costa e nos 17 volumes da devassa, deu valor muito alto ao primeiro, cuja obra é um subsidio optimo e insuspeito para compreender-se a alma brasileira de então, com os horrores do trafico de escravos, para conhecer-se os interessantes quadros da natureza, o aspecto das cidades pernambucanas, a geologia, zoologia e botanica, o systema administrativo e judiciario da epocha, a agricultura e especialmente do algodão, em cujo ramo de negocio mercadejava «dominado pela avidez do lucro».

Não se pode, porem, ajuizar do periodo revolucionario pelas Notas Dominicães de Tollenare, cuja penna de estrangeiro, confessa Oliveira Lima ser pouco sympathica á revolução de que só via o lado inquietador e não a feição moral e de que somente conservou recordações desagradáveis.

A parte descriptiva pode achar-se sob a forma suggestiva.

Mas o fundo não está isento de suspeição, como já tivemos algures occasião de proyar, em discurso proferido como orador e no dia

da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Em primeiro lugar se deve ter em vista a ausência do cunho de exactidão das «Notas Dominicæ».

O proprio autor confessa, dando, aliás, como fundamento os negocios e constantes inquietações.

As suas notas sobre a revolução, é o escriptor francez quem o diz, são muito menos cuidadas do que outras consagradas a futilidades. E elle mesmo declara ter pena disso.

Em segundo lugar, Tollenare era espirito eminentemente aventureiro e conservador.

Não poderia, com prazer, acceitar uma revolução.

Apezar de francez, não hesita em affirmar que si o fizessem subdito do grão turco, não daria um passo para mudar de dominação.

Em terceiro lugar ; a) como nota Studart, ao contrario dos inglezes (84), encararam os francezes de modo hostil o movimento e b) os insurrectos haviam para com Tollenare offendido seu amor proprio de nacionalidade: no Recife deram-se o assassinato de um e o massacre de 3 *marinheiros* da França e, inutilmente, o commerciante francez pediu providencias ao governo republicano.

Succede ainda que o unico funcionario demittido fora Germain, conservador do Jardim Botânico de Olinda.

O terceiro argumento contrario a Tollenare é que seus interesses commerciaes foram enormemente prejudicados pelo governo de 17 que nem, ao menos, accitou o brigue Felicité para a introdução da farinha de trigo dos Estados Unidos, como pretendia o publicista das «Notas Dominicæ».

Em quarto lugar escreveu no effervescente dia da revolução e não é crível que, apaixonado e estupefacto, ante acontecimentos desenrolados de surpresa, pudesse ter a precisa calma.

E, afinal, Tollenare era inimigo pessoal de varios membros do governo provisório.

A sua suspeição é evidente.

VI

Opiniões a respeito de Caetano Pinto e Luiz do Rego

A) :

Não sentimos tambem sympathia pela maneira de apreciar Caetano Pinto (7-40-51

75-113) que, particularmente, pode ter sido probo e prudente, como quer Muniz Tavares. Temos delle a impressão de que fosse um bom homem e «um limpo de mãos», não, porém, um illuminado. Desleixado e fraco, conforme salienta Ferdinand Denis, publicamente, como patriota e como administrador, não pode merecer elogios.

Sem queremos entrar na verificação, aliás controversa, de saber si, «era um vieux marcheur» e se, apesar de haver legitimado um filho, era ou não um novo Xenocrates, insensível ás seducções de Phryné, encontrámo-lo, como homem publico, sem civismo e até indolente.

Não foi patriota deixando de attender aos justos reclamos populares contra pesados impostos sobre cuja diminuição lhe cabia o direito de representação.

Foi injusto pagando mal os soldados, não obstante os recursos do Erario pernambucano cuja arrecadação, em 816, montou a..... 1.105.415\$000 que (20) elle distrahia para agradar a côrte, sem ter tambem em consideração que Pernambuco era até credor da Corôa de despesas e serviços memoriaes, durante a guerra hollandeza (20).

Administrador não foi o Marquez da Praia Grande e o proprio Oliveira Lima nega-lhe o dom da iniciativa, o furo do progresso material.

Negligente e sem previsão, se revelou o governador de Pernambuco, entretendo-se com o seu jogo «pela noite, a luz das velas morticas» quando altas cogitações lhe deveriam preoccupar a mente, n'uma epocha em que a mina revolucionaria estava a explodir.

Patriota não foi, lembrando-se, apenas de reclamar o seu dinheiro «16.000 cruzados», e a sua roupa no momento em que tivera de capitular (40).

Medroso ante a sedição (40), vergonhosamente entregando-se no Brum, ante as primeiras descargas, quando lhe não faltavam elementos de acção, tendo ainda canhões, pólvora e tripulação do navio commandado por Thibault (34), é possível que a tradição lhe fosse injusta, achando-o negro nas acções, mas, rasão tem Jonathas Serrano ; pinto na coragem ; elle o foi.

B) :

Pensamos tambem ter sido o Dr. Oliveira Lima muito benevolo para com o proconsul

Luiz do Rego julgando severa a apreciação de Muniz Tavares (120-229).

Cruel e barbaro foi o Conde de Arcos que, aliás, se suppõe, com boas fundamentos, haver tirado partido da situação (75-77), aproveitando, com soffreguidão, ensejo para readquirir o válimento regio que effectivamente o favoreceu com a pasta da marinha e de ultramar, na organização ministerial de 7 de Julho de 17.

D. Marcos que, somente quando preso nas torres de Belém, se lembrou de que ninguém pode ser aprisionado, por mais de um dia, sem culpa formada, foi um tyranno.

Peior e mais despotico foi Luiz do Rego que, presidindo a commissão julgadora de nossos martyres, falseou os §§ 5, 8 e 9 da Ord. L. 5^a, para commetter crueldades inauditas (125).

Não se contentou em enforçar os nossos heroes; fez guerra aos mortos e teve a crueldade de decepal-os, quiz que as mãos de Domingos Theotonio e as de José de Barros Lima fossem para o quartel e as do Padre Tenorio para Itamaracá, a cabeça do primeiro para a Soledade, a do segundo para Olinda e a do terceiro para Goyanna (12), ligando as restantes partes do corpo a cauda de cavallos que as conduziam ao cemiterio. Pena identica soffreram os revolucionarios da Parahyba (124).

Para affrontoso castigo, desenterrou o corpo do Padre João Ribeiro afim de expor a cabeça ao pelourinho.

Foi o Visconde de Geraz de Lima quem organisou o batalhão das terriveis milicias, quem procurou manter o barbaro batalhão dos Algarves, quem deu incremento á celebre alçada de Pernambuco «lugubremente soando a grillhões, molhada de soluços de centenas de victimas». Foi elle quem a bordo do Intriga (133) deportou, arbitrario e feroz, em processo sem summario, a fina flor da sociedade pernambucana, inclusive o Marquez do Recife e Luiz de Paula que aos 60 annos tinha ainda a alma juvenil.

E não se argumente com a fingida benevolencia com que procurou até commover a piedade real, invocando, a favor dos pernambucanos, o seu valor da guerra hollandeza.

Na occasião em que se manifestou a benignidade do despota, os papeis se achavam invertidos e as victimas tinham já grangeado prestigio politico. Os deputados eleitos ás

cortes foram ostensivamente tirados da facção dos vencidos de 17, inclusive Muniz Tavares que estiverá 4 annos na Bahia.

Elles, generosos para com D. Marcos, já vencido e aprisionado, eram inflexiveis para com o tyranno Luiz do Rego, que procurou, então captar-lhe as sympathias.

Accresce ainda a existencia de rivalidades entre Luiz do Rego e Bernardo Teixeira, dois despotas que haviam dividido a tyrannia.

A magnanimidade foi, portanto, convencional.

VII

Personalidades de Gervasio Pires do General Abreu e Lima e Domingos Martins

A) :

Affigura-se-nos austero o modo de encerrar Gervasio Pires Ferreira (25-52), cuja reserva e prudencia não podem tirar o valor do seu patriotismo e generosidade e nem fazer suppol-o apenas um astuto.

Prazeirosa e ostensivamente accitou os logares que lhe foram designados de Presidente do Erario e de Concelheiro, ao contrario do illustre philologo Moraes e Silva, que se não quiz comprometter.

Embarcado no «Carrasco», soffreu 4 annos de carcere, pretextando uma palavra não articular, enquanto o despotismo reinasse, embora preciso fosse simular a paralysação de exercicio do orgão auditivo.

A magnanimidade com que offerecera..... 25:000\$000, conjuntamente com o navio «Espada de Ferro» para Cabugá ir comprar armamentos e entabolar negociação nos Estados Unidos, foi a mesma que lhe fizera abrir a bolsa aos outros prisioneiros menos favorecidos de fortuna do que elle. Restituido á liberdade, com os demais companheiros, ao chegar em Pernambuco, onde então o povo resistia a Luiz do Rego, a quem conseguiu vencer, o nome de Gervasio foi lembrado para presidente da junta governativa, cargo que desempenhou condignamente.

E quando, ralado de desgosto, em 1822, deixava Pernambuco, ao passar pela Bahia, o despota Madeira não pôde sopitar a antipathia pelo ex-conselheiro da revolução e director da junta contraria á coroa portugueza e mandara prender e remetter para Lisboa.

Gervasio Pires merece o respeito da posteridade ; seu nome não pode ser collocado ao lado dos Janos.

B) :

Somos de opinião que Abreu e Lima, a quem a tyrannia obrigou a assistir o supplicio do proprio pai ; Abreu e Lima, o escriptor brasileiro, o guerreiro americano, cuja espada defendeu a autonomia do Equador, Venezuela e Nova Granada, o Secretario do Congresso de Angustura, merece denominação mais acatada do que a de um brigão, como o qualifica o Dr. Oliveira Lima.

C) :

Parecem-nos, sob certos pontos de vista, pessimistas as apreciações sobre Domingos Martins.

O martyr espirito-santense não foi o ambicioso de riqueza e posição que, para satisfação da primeira condição, tivesse introduzido, empregando a violencia, Bento José da Costa a dar-lhe (27-40) em casamento sua filha Maria Theodora.

Vulto da revolução que, na phrase de Oliveira Lima, mais se presta a ser estudado (27), Martins, já o demonstrou Marcilio de Lacerda, transcrevendo do «Investigador Portuguez» documentos da firma commercial Dourado Dias & Comp., foi um honrado commerciante do mesmo modo que o fora seu pai. Seu irmão o sacerdote Francisco e o militar André deram provas tambem de sua probidade.

Que não poz em acção força alguma para o seu consorcio, cuja celebração teve logar a 14 de Março, provou-o já Studart e o proprio illustre annotador (120) cita frequentes jantares intimos de Bento Costa e o genro ; o que vem mostrar as estreitas relações dos dois, facto este que ficou tambem apurado da correspondencia entre ambos-trocada.

Martins foi um patriota illustre e abnegado : sua casa, sua fortuna, seu prestigio e seus serviços estiveram sempre ao dispor dos companheiros de ideal até quando foi preso (121), em batalha contra Cogominho, nas margens do Merepe.

Vill

Ramificações e antecedentes da revolução

Em varias outras apreciações que, não querendo alongar o presente, deixaremos para

nova oportunidade, estamos em desaccordo com o eminente escriptor.

O trabalho é magistral e fornece-nos todos os elementos para a demonstração da ausencia de fundamento nos juizos emitidos pelos seguidores de Porto Seguro e Pereira da Silva, negando o caracter de plano assentado ao movimento de 17.

Com criterioso cuidado, occupa-se do elemento embryonario e das ramificações revolucionarias, quer no espaço, mostrando a extensão que ella tomou, quer no tempo, com a acção successiva dos areopagos, a conspiração de 1800, a evolução das ideas de Arruda Camara, externadas em 1810 em testamento politico ao Padre João Ribeiro (14), a tentativa de fuga da Napoleão (101), combinada nos Estados Unidos, entre pernambucanos e francezes.

E, realmente, sob o primeiro aspecto ; deixando de lado o reflexo da guerra dos Mascates, os rancores entre brasileiros e portuguezes, os principios philosophicos, objectivados já na Europa e na America relativos a libertação dos povos ; a revolução de 17 foi um movimento estudado, discutido e que se estendendo grandemente em todo o Brasil, radicou-se no Norte.

O seculo 19 abriu o seu curso assistindo, em Pernambuco, a conspiração republicana de 1800, sob o protectorado de Napoleão Bonaparte.

Agentes diplomatas foram acediados em Lisboa (José Francisco de Paula) e no Plata e Nova York (Albuquerque Montenegro).

Fracassada, foi grande a devassa aberta em que 80 testemunhas depuseram (47).

Por ella soffreram prisão (23) incommunicavel, em o apertado carcere de Cinco Pontas, Luiz e Francisco de Paula, soltos aifnal, em rasão de molas secretas e rios de dinheiro que corriam pelas mãos de Frei Francisco Laborçira e que tinham por affluente os bolsos do escrivão Fonseca.

Interessantes conhecimentos da revolta abortada, dá-nos a carta de Francisco a José Paula.

Em 1801, os 2 Paulas, os 2 Arrudas, Felix Cardoso, João Ribeiro e outros, viram sumir-se, ante as medidas de repressão, os sonhos republicanos que alimentavam.

Mas ficara a semente ; os areopagos succederam-se após o de Itambé, Suassuna e Paraizo.

Os Arrudas, Paulas, Paes Barretto, viram

seus clubs estimulando a criação de outros, sob formas diferentes e, penetrando em novas circumscrições territoriaes, ter similares na Bahia, em 1802; um anno após, no Rio, (23) até que em 17 pontificaram, entre outras, em Pernambuco as duas grandes lojas de Martins e de Cabugá: «Pernambuco no Oriente» e «Pernambuco no Occidente».

As ramificações no espaço se demonstra, após trabalhos feitos na Inglaterra e Estados Unidos, em 1800, e, depois, em 17; no accordo em 1800 com Napoleão, a quem mais tarde se quiz ainda tirar (101) de Santa Helena para a Ilha de Fernando de Noronha, e até mesmo em Portugal onde chegaram as idéas de Arruda Camara ao Marquez de Abrantes que foi Presidente do Conselho e indicou o nome do Conde de Linhares.

Que se estendia até Buenos-Ayres, cujas doutrinas de independencia (11) foram invocadas para justificar o movimento pernambucano, pelo governador do bispado, Manoel Sampaio, em sua pastoral, está evidente da carta de D. Carlos de Alvear (14) a D. Mathias Irigoyen, acompanhando as communições do Consul Chamberlain. Felix Costa seria o embaixador (28).

Em o livro de registro de officios dirigidos, em 1812, ao governador do Espirito Santo, Francisco Alberto Rubim pela Secretaria Geral do Imperio, se encontra o do Conde de Galveas, que vai adiante transcripto, e em que se lê a solidariedade de Buenos-Ayres, em movimentos sediciosos no Brasil.

O trabalho de Oliveira Lima mostra não ser possível encarnar em pessoa alguma a idéa libertadora.

IX

Proeminencia de outros vultos na revolução

O movimento (2) foi um signal dos tempos; a manifestação de uma combinação do impulso activo de liberdade que tomou traços concretos e particulares.

E, realmente, mau grado os devotos de cada vulto, assim o é.

Ha quem, não obstante a scena da sala das sessões, queira dar á moderação de José Luiz de Mendonça o papel predominante na proclamação da Republica.

José Luiz tinha talento, illustração e popularidade. Pereira da Costa dal-o como o

homem necessario por excellencia», «a cabeça pensante dos clubs» (41) «o oraculo dos patriotas».

A Republica de 17 deve-lhe muito.

Affirma-se até que foi devido a sua habilidade e eloquente parlamentação que Caetano Pinto, convencendo-se da inutilidade de qualquer esforço, resolveu capitular, quando (é hoje facto averiguado) possuia o Governador de Pernambuco meios de resistencia para oppor-se á mudança de regimen.

Em opposição aos sectarios do autor do «Preciso» se encontra o protest» de Pedro da Silva Pedroso, contra a prioridade de José Bonifacio, na idéa da independencia e em que cobre-se com taes glorias, por haver sido quem deu o primeiro brado de autonomia, ao deixar por terra o emissario real Alexandre Thomaz (30). Pedroso, com sua barbara coragem foi quem responsabilisou Luiz do Rego pelas atrocidades do governo provisório.

Quando Martins (15) esteve em divergencia com José Luiz, sobre a forma de regimen a ser adoptado, foi a Pedroso que recorreu. Elle poz-se a frente do movimento, matou o ajudante de ordens, soltou os presos, tomou o Erario e reorganizou o exercito.

Mas Pedroso, a tomar a saliencia citada, já encontrara a luta iniciada, a revolta organizada por José de Barros Lima a quem Mario Mello declara não chamar o Tiradentes pernambucano para não amesquinhar a sua memoria.

O Leão Coroado (122), auxiliado por Henrique matou o brigadeiro, foi quem se insurgiu contra o despotismo real, quem expdiu Pedroso quem reuniu os conjurados que em signal de adhesão beijavam-lhe a espada ensanguentada.

Mas a sua acção seria nulla se não tivessem preparados os elementos necessarios.

Na conquista do primeiro logar para Martins, na organização de taes elementos apparecem os seus exaltados entusiastas (120) que, não acham bastante consideral-o «o expoente maximo da revolução» querem ver no illustre negociador das operações republicanas com as potencias estrangeiras, a encarnação do levante, em cuja epocha, é certo, foi chamado, no auge do arrebatamento de Antonio Henriques, chefe, pai e libertador.

Martins era maçon de prestigio internacional (23), acreditou Domingos Theotonio junto ao Grande Oriente da Bahia (23), seu

papel na revolução foi salientíssimo. Mas 5 annos antes d'elle chegar a Pernambuco, já Theotónio trabalhava em prol do movimento, em cujo declínio cederam a este todo o poder, investindo-o da autoridade de dictador e, após, o de «governador civil e militar do partido de independência».

O Padre João Ribeiro, o eminente sabio que iniciou a bibliotheca em Pernambuco, tem adoradores que se não contentam com o conceito de Ferdinand Denis de que «entre os homens valorosos da revolução é o que se eleva merecendo mais sympathias ao historiador» e querem fazer da conspiração obra sua.

Realmente João Ribeiro, cujas maneiras Henri Koster declara nunca ter visto mais agradáveis, «a alma de candura immaculada» pregava, antes de Martins e Theotónio, as idéas democraticas, tendo estado até em movimento maçónico no anno de 1807, em Lisboa, na companhia do Padre Miguelinho, a quem Carlos Dias Fernandes chama o Archanjo S. Miguel de nossas stoicas tradições de autonomia.

Mas o illustre socio da Academia Real de Sciencias de Lisboa (14), por sua vez aprendeu a consolidar o sentimento de amor á patria nos arcopagos de Arruda Camara e Francisco de Paula que planejavam desde 1800.

Não se pode fazer da revolução o resultado de esforço particular.

Si formos analysar isoladamente os typos da revolução seria impossivel dizer a quem se deva attribuil-a.

Os heroes de 17 estão muito altamente collocados e não precisam que se lhes emprestem qualidades para impor-se a admiração dos posteros: seus nomes já entraram coberto de glorias no Pantheon dos benemeritos da Patria.

Seja Martins, com o seu typo de jacobinismo violento (51) Pedroso, com o de sanguinario a Carrier, (53), Padre João Ribeiro, com o do stoico descripto por Anatole France (51), Mendonça, com o seu justo milieua Castellar (43-51); todos merecem a gratidão dos posteros e concorreram para o feliz desfecho de uma forte, tenaz e longa propaganda.

Domingos Martins e João Ribeiro são os mais admirados e tiveram realmente acção mais directa no movimento. Gonzaga Duque dá ao 1º como o corpo, o 2º como a alma

da revolução que Barbosa Lima faz gyrar em torno principalmente do humanitarismo de Martins, da sabedoria e patriotismo de Caneca e da bondade de João Ribeiro, em quem vê a doçura de Condorcet.

Admirador exaltado de Frei Caneca, heroe quasi sobrenatural, achamos, entretanto, que na revolução de 17 o seu papel, apesar de grandioso, como socio da Academia do Paraíso e, mais tarde, marchando na qualidade de voluntario; apesar do seu patriotico esforço, na batalha do Cabo; aquelle que em 24 seria, pode-se diser, o maior de todos, em 17 não pode collocar-se acima de Miguelinho do Padre Roma, de Paes Barretto e de outros!

X

Character dos revolucionarios

As annotações de Oliveira Lima offercem ao leitor da «Historia da Revolução de 17» uma noção completa da conspiração pernambucana pelo seu lado idealista e pela sua feição pratica.

Pelo primeiro aspecto não se pode conceber outra em que entrem tantos e tão religiosamente observados principios de bondade, como nos heroes de 17.

Cultivando os principios de confraternisação universal, pregados por Arruda Camara e repetidos pelo Deão Portugal, nem nos ultimos instantes aquelles vultos que representavam as mais caras aspirações em prol da libertação patria, desprezaram a noção do amor ao proximo e respeito aos adversarios; procedimento de que mais tarde deu testemunho o proprio Luiz do Rego, salientando já ser alguma cousa «não ter sido morto um só homem por ordem do governo provisório».

Não obstante já terem tido o prenuncio do que lhes succederia, ante o eexmplo do Padre Roma (79) recebendo tão barbaro castigo de seu heroismo, ainda em pleno vigor da Republica, nem uma só vingança tiraram quando tiveram de abandonar os postos.

Em contraposição com a feroz a barbara proclamação do Conde de Arcos se vê a dictada pelo evangelico espirito do Padre Miguelinho.

Uma trazia o perdão para os vencidos. A

outra (103) determinava o fusilamento de quem não seguisse os seus soldados, ordenava o arrasamento da cidade cujos habitantes seriam passados a fio de espada e considerava licito atirar nos pernambucanos «como se foram bandidos.»

Pela propria poesia popular, tirada dos factos, se verifica a diversidade de sentimentos entre republicanos e legalistas.

Ao chegarem os revolucionarios na Bahia, o populacho, interpretando o sentir dos thuriferarios de D. Marcos de Noronha, ameaçadoramente, cantavam, ante os detidos a celebre quadra que terminava :

«Viva o Conde de Arcos

Morra ós patriotas.»

Bem differentes desses, eram, os versos entoados em Pernambuco quando Domingos Theotônio desalojara do Campo do Erario os milicianos de José Roberto :

«O vil despotismo

Sem sangue vencemos.»

E a bondade não destruía a altivez dos conspiradores ; ao contrario do que se deu em outras revoluções do Brasil, inclusive naquella que officialmente encarna os principios liberaes ; a inconfidencia mineira, em que, afora Tiradentes, não houve heroes, se não antes da hora do perigo.

Os servidores do primeiro governo republicano brasileiro não perderam nunca a cordura, a abnegação, o heroismo quasi lendario.

Na revolução de 17, nós já o demonstrámos em conferencia sobre 15 de Novembro de 89, os assomos patrióticos eram, como o desse a quem na hora derradeira o carrasco pediu perdão da propria crueldade ; o Tenente Antonio Henriques Rabello, intransigente comandante do Brum, o primeiro condemnado pela junta militar, nobremente, confessando a sua coparticipação no movimento de que se vangloriava e, lamentando não ter sido a Republica uma força igual a aquella que, em numero de 4.000 soldados, se estendia de Cinco Pontas até a força que o aguardava, morrera a dar vida a patria !

A energia masculina era modelada pela do semi sexagenario José de Barros Lima que do ventre do brigadeiro Barbosa fisera bainha para sua espada, a lealdade pela do Juiz de fora da comarca e maior advogado da época José Luiz de Mendonça que, affrontando o carrasco, o emprazara para os infernos ; o denodo pelo de Borges de Al-

meida, qual Mario sobre as ruinas de Carthago, respondendo aos vencedores, attonitos de vel-o, de olhos fechados, sentado na peça de artilharia : «Sou um homem que commandou esta peça em nome da liberdade», a severidade pela energia, varonil até a violencia, de Pedro Pedroso que deitara por terra o emissario real e atemorizara ao proprio Luiz do Rego !

Exemplo de tenacidade, apresenta Gervasio Pires, propositalmente emmudecendo, de bondade, o espirito culto e intelligente de Domingos Tenorio que, doente e de fraqueza organica, extrema, commovera ao proprio carrasco, de rectidão a Wadhimir e da abnegação o Padre Miguelinho, procurando apenas salvar os companheiros, em favor dos quaes pede perdão do alto da força Domingos Theotônio, chamando para si toda a responsabilidade !

O civismo a Graccho, junto a convicção a sciencia veem-se em Frei Caneca e no Padre João Ribeiro que, do mesmo modo que Mithridates, Demosthenes, Brutus e Catão, se suicida para não sobreviver ás desgraças da Patria no mesmo dia em que a bandeira real começava a tremular no Recife, e nesse espirito santense, cujo nome deve ser pronunciado dando-se á voz o mesmo timbre de doce veneração com que nos referimos aos vultos sobrenaturaes, o ministro do commercio em que o proprio Tollenare reconhecia firmesa : Domingos Martins, o valente fuzilado do Campo da Polvora, que a 12 de Junho de 17, no momento ultimo, de cabeça erguida e olhar altivo, grita para o carrasco : «vinde executar a ordem de vosso sultão, mas ficai sabendo que morro pela liberd !...»

O heroismo mede-se pelo *inconfundivel* super-altruismo do Padre Roma que, depois de altivamente comparecer ao Tribunal para allegar a sua incompetencia, na hora da execução perdôa a morte, despresada a venda, rasga a camisa, mostra o peito, onde se acha guardado o segredo de seus companheiros e manda que atirem no coração, porque o coração é a fonte da vida !

X

Conclusão

Precisamos, porem, concluir. E permita o illustrado annotador que o façamos com o pedido para que aumente, ainda mais, o

notavci serviço prestado ás letras, com a elaboração de um trabalho que não seja como o de que nos occupamos, somente de consulta para os estudiosos.

As annotações, não pode haver duvida. preencheram brilhantemente os fins visados de esclarecer a Historia da Revolução de 17.

Analysou-a Oliveira Lima, á luz da philosophia social, procurando evitar, as veses até com excessivo escrupulo, que o manto diaphano da phantasia encubrisse a nudez crua da verdade e ampliou-a, investigando as causas a que obedeceu a revolução e as consequências que della se derivaram.

Mas si o digno brasileiro dêsse uma nova orientação ás suas pesquisas e as aproveitasse para a confecção de um estudo systematisado que, dispensando o confronto das notas com o livro a que ellas actualmente se referem directamente, viesse tornar a leitura mais accessivel ; si o ampliador de Muniz Tavares fosse o systematisador das proprias annotações de Oliveira Lima ; si, emfim, consolidando o que já escreveu e o que ha sobre o assumpto, pussesse a correr mundo uma nova Historia da Revolução de 17, completa e com o esclarecimento dos varios pontos, ain-

da hoje obscuros, o préstimo seria inestimavel.

E ninguem em melhores condições para tomar a hombros tamanha empresa do que o provector annotador, cuja alta competencia agora mais se robusteceu e particularisou no estudo da historia republicana de 17, com os conhecimentos bebidos nos livros oriundos especialmente do testemunho pessoal de Muniz Tavares e Dias Martins, de um lado e Henry Koster e Tollenare do outro, e nos 17 volumes *in folio*, da devassa aberta e encerrada pelas commissões militares encarregadas do processo e julgamento dos implicados na heroica revolução. .

Obra de tão profundo alcance temos o direito de esperar e, effectivamente, aguardamos do Dr. Oliveira Lima e, então, quem estas escreve, seu grande admirador, parodiando o genial autor da Divina Comedia, poderá diser que :

«si assai lo lodda
Piu lo lodderebbe.»

Victoria, 1º de Maio de 1917.

Carlos Xavier Paes Barretto.



Documentos extrahidos do "livro de registro dos officios, ordens, portarias para dentro da Capitania do Espirito Santo" no anno de 1812 ⁽¹⁾

I

«Sendo presente ao Principe Regente Nosso Senhor em Consulta da Real Junta de Fazenda dos Arsenais do Exercito Fabricas e Fundições de 26 de Junho do corrente anno que Bento José da Costa negociante da Praça de Pernambuco representava haver mandádo comprar a esta Corte por sua conta duzentos Barris de Polvora do que se manufactura na Real Fabrica estabelecida no sitio da Lagôa Rodrigo de Freitas e que fazendo-a transportar para aquella Cidade acompanhada com a competente guia, lhe fora exigido on despacho da respectiva Alfandega o Direito de oitenta reis por libra quando elle sabia que esta polvora não paga semelhante Direito nos outros Portos deste Estado do Brasil e da Africa e como a elle não pode concorrer na venda com a que se introduz de Inglaterra pelo que pedia se declarasse fosse tambem livre de Direito de entrada toda a que se importasse para a cidade de Pernambuco da dita fabrica. Ao que tendo tido o mesmo Senhor Attenção, E querendo faser cessar qualquer duvida que excitar-se possa sobre este importante objecto. E conformando-se com o parecer da referida Real Junta interposto sobre a mencionada consulta. Foi servindo por sua immediata Resolução de 4 do corrente mez izentar do pagamento dos direitos os duzentos Barris de Polvora e ao dito Bento José da Costa e ordenar que toda a manufacturada na Real Fabrica da Lagôa Rodrigo de Freitas que for transportada para todos os portos do Estado do Brasil, e nos dominios apresentando-se as competentes guias seja izenta e livre de todos e quaesquer direitos de sahida e entrada assim como se acha ordenado a respeito da Polvora fabricada no Reino pelo Alvará de 13 de Julho de 1788 o que participo a Vossa Mercês para que assim o fi-

quem entendendo e fação executar pela parte que lhes toca. Deos guarde a Vossa Mercê. Palacio do Rio de Janeiro em desoito de Julho de mil oito centos e doze.—Conde de Aguiar.—Snrs. Governadores interinos da Capitania do Espirito Santo.» (2)

II

Tendo Sua Alteza Real O Principe Regente Nosso Senhor concluido hum Armisticio com o Governo de Buenos-Ayres não somente por annuir aos dezejos do Seu Grande e Fiel Alliado Sua Magestade Britanica, mas por desviar o flagelo da guerra e a triste effusão de sangue entre Povos limitrofes que deviam ser unidos pelos mais fortes vinculos de amizade, e alliança, acaba Sua Alteza Real de ser informado de que aquelle governo desenvolvendo as terriveis maximas sempre adoptadas por Povos Revolucionarios, e dando o mais positivo testemunho da sua perfidia, e ingratição vai começando a por em pratica todos os meios de seducção para desviar os Vassallos Portuguezes daquella pureza de fidelidade, sugeição e amor ao seu Suberano, que em todos os tempos tem formado a excellencia e distincção de seu character ; e posto que a invariabilidade destes sentimentos deixe a Sua Alteza Real na mais bem fundada confiança de que será completamente inutil o detestavel emprego de taes suggestões em tudo convindo não negligenciar

(2) Bento José da Costa, abastado commerciante em Recife, foi sogro de Domingos Martins. Tem nesta cidade de Victoria um bisneto ; o advogado Dr. José Horacio Costa.

A portaria acima demonstra a grande introduccão, em Pernambuco, de polvora da Inglaterra e que, na Real Fazenda da Lagôa Rodrigo de Freitas, somente Bento Costa mandara buscar, para aquella praça, de uma vez, 200 barris de polvora, requerendo isenção de direitos para nova importação.

(1) Documentos fornecido do Archivo Publico do Espirito Santo, por ordem do Exmo. Snr. Dr. Bernardes Sobrinho, illustre Secretario Geral do Estado.

ciar todas as precaução e segurança que a permanencia em certos momentos de semelhantes Alteza Real servido manda toda vigilancia e cautella necessaria para obstar a innodação de papeis para destruir principios sediciosos que por ventura poderão fazer progressos entre Povos que não conhecendo o veneno de doutrinas taes hirão insensivelmente ao precipicio a que por ellas serão conduzidas ; e não duvida Sua Alteza Real du que V. M. no emprego das medidas que se lhe recommendão, se haverá com aquella prudencia, e reserva convenientes, sem o que se tornarião inuteis todas as diligencias que com este fim se houvessem, de pôr em pratica. E de tudo que V. M. descobrir sobre este importante negocio hirá dando conta regularmente por esta Secretaria d'Estado para ser presente a Sua Alteza Real.—Deus guarde a VsVV.—Palacio do Rio de Janeiro em vinte quatro de Novembro de mil oitocentos e doze.—Conde das Galvêas.—Senr. Francisco Alberto Rubim. Cump. e reg. em 22 de Dez. (1)

III

Carta Regia de 7 de Setembro de 1812.

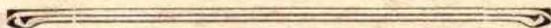
Governador interino da Capitania do Espirito Santo. Eu, o Principe Regente vos Envio muito saudar.—Sendo a Real Fabrica da Polvora que mandei crear na Lagôa Rodrigo de Freitas hum Estabelecimento sumamente interessante, e digno dos Meus Paernae cuidados, para que elle haja de prosperar, e corrsenponder aos saudaveis fins que devem resultar da manufactura não somente indispensaveis e necessari s a deffeza, exigida sobre ao consumo dos Povos Commercio da Navegação, mas Minha Real Fazenda pelo engrandecimento da Renda publica que deve valorizar a sua venda ; e Havendo-me representado a Real Junta da Fazenda dos Arsenaes do Exercito Fabricas Fundições a

(1) Demonstra o presente officio a existencia de combinações revolucionarias entre Buenos-Ayres e os espiritos independentes do Brasil.

cujo cargo está a administração da mesma Fabrica, quanto se faz necessario que se hajão de dar as mais promptas, e efficazes providencias para evitar a continuação do escandalozo contrabando que se está fazendo não só nesta Capitania, em todos os Portos, das Capitánias maritimas pela introdução da Polvora Estrangeira ; Querendo occorrer a tão grande mal que já tem causado hum mui consequente alcance no respectivo Coffre da Fabrica ; Fui servido conformando-Me com o parecer da consulta da referida, Mandar que se hajão de pôr na mais stricta, e rigorosa observancia as disposições dos Alvarás de treze de Julho, e de primeiro de Outubro de mil setecento e setenta e oito praticando-se com maior actividade, zelo e vigor as providencias nelle declaradas. E convindo muito que no Porto dessa Capitania se hajão de por igualmente em pratica analogas providencias as que a Junta fizer observar nesta capital... . importante negocio, sou servido ordenar só que façaes logo praticar ahí com maior rigor Disposições dos citados Alvaras, mas quanto a correspondencia directamente com a Real Junta da Fazenda, afim as maiores providencias que se em consequencia desta minha Real Resolução, para que tudo vá de accôrdo a este respeito e se consiga o util fim que Me Proponho de embaraços que nos Meus Estados entre Polvora Estrangeira por contrabando fazendo assim prosperar o vantajozo Estabelecimento da Real Fabrica. O que Me parecem participar-vos recominadando-vos toda a actividade, zelo e vigilancia nesta commissão que Espero desempenheis cabalmente como cumpre ao Meu Real Serviço. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em sete de Setembro de mil oitocentos e doze—Principe—Para os Governadores Interinos da Capitania do Espirito Santo.—Cumpra-se e registre-se.—Victoria, vinte hum de Outubro de mil oitocentos e doze.—(Assignado).—Francisco Alberto Rubim. (1)

(1) Mostra este documento a grande quantidade de polvora estrangeira, entrada por contrabando nas capitánias maritimas, do Brasil, no anno de 1812.

NOTAS DIVERSAS



Programma organizado pelo Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, para a festa civica a realizar-se no dia 12 de Junho em commemoração ao centenario da morte de Domingos Martins, grande vulto da revolução pernambucana de 1817

5 horas—Alvorada festiva pela banda de musica do corpo militar de policia, com as salvas do estylo.

9 horas—Missa solemne na Cathedral do Bispatio, celebrada pelo padre dr. Elias Tom-mazzi.

12 horas—Sessão solemne do Instituto, cuja directoria irá em seguida, incorporada, ao palacio do governo levar cumprimentos ao exmo. sr. presidente do Estado, pela magna data, e acompanhar depois s. exa. e comitiva ao local da inauguração da pedra fundamental do monumento em homenagem ao insigne martyr espirito-santense.

14 horas—Sessão do lançamento da pedra fundamental do monumento.

Abrirá a sessão o presidente do Instituto, dr. Antonio Athayde, que convidará o exmo. chefe do Estado para presidil-a.

S. exa. dará a palavra ao orador do Instituto, dr. Carlos Xavier que discorrerá sobre o assumpto.

Fará em seguida, a conferencia, para que foi convidado, o dr. Marcilio de Lacerda, presidente do congresso legislativo do Estado.

Depois de cantado o hymno espirito-santense pelos alumnos das escolas, haverá o desfile pelas ruas da cidade, acompanhado pelas forças militarres e clubs sportivos, indo dissolver-se em frente ao quartel de policia.

20 horas—Sessão commemorativa no

Theatro Melpomene, presidida pela mesa do Instituto

Depois de cantado o hymno espirito-santense pela mocidade das escolas, fará uma conferencia sobre a data do desembargador Affonso Claudio, terminada a qual terá lugar uma apothese, sendo então cantado o hymno da Republica.

Serão todos os actos honrados com a presença do exmo. sr. presidente do Estado, autoridades federaes, municipaes e presentantes de todas as classes sociaes.

Circular dirigida á imprensa, as associações scientificas e ás autoridades brasileiras pelo
«INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO ESPIRITO SANTO»

«Victoria, 12 de Maio de 1917. Exmo. Snr.—O Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, em collaboração com o benemerito governo do Estado, resolveu levar a effeito, a 12 de Junho proximo, a festa civica, em commemoração ao 1º centenario da morte do insigne patriota espirito santense Domingos Martins, sacrificado, na Bahia, no «Campo da Polvóra», hoje dos «Martyres», como um dos chefes da revolução que, em Pernambuco, a 6 de Março de 1817, implantou no Brazil o primeiro governo republicano.

Levando ao conhecimento de V. Exa tal resolução, a Directoria abaixo assignada vem solicitar o valioso concurso e o apoio moral de V. Exa. afim de que este culto civico possa revestir-se da magnitude condigna ao merito do heroico vulto, a cuja memoria se vai render homenagem.

Confiada que os alevantados sentimentos patrioticos de V. Exa., lhe não permitirão

excusar-se em trazer ao nobre tehtamen a sua solidariedade, toma ainda a liberdade de solicitar, a extrema gentileza de enviar a este Instituto, todas as publicações que se fizerem allusivas á magna data.

A V. Exa. apresenta a Directoria abaixo a expressão de muito respeitoso saudar.— (Assignado).—Presidente, Dr. Antonio Francisco de Athayde ; 1º. Vice-Presidente, Dr. Ubaldo Ramalhette Maia ; 2º. Vice-Presidente, Dr. Arthur Lourença Araujo Primo ; 3º. Vice-Presidente, Dr. Padre Elias Tommazzi ; 1º. Secretario, Dr. Antonio Martins Azevedo Pimentel ; 2º. Secretario, Professor Adolpho Fernandes Oliveira ; Orador, Dr. Carlos Xavier Paes Barretto ; Thesoureiro, Professor Arnulpho Martins Mattos.»

X *Noticias sobre o monumento*

Pela lei n. 1025 de 26 de Novembro de 1816. ficou o governo do Estado autorizado a mandar esculpir em bronze o busto de Domingos José Martins, afim de ser inaugurado n'uma das praças publicas desta Capital, a 12 de Junho de 1817, em commemoração ao 1º centenario de sua morte. Não tendo sido possível, devido a um atrazo nas officinas de fundição, concluir-se o busto, e nem as outras peças do monumento, ficou resolvido preparar-se o local de sua installação na praça «João Climaco» para ter lugar a 5 de Novembro, com o revestimento de toda a solemnidade, o assentamento da pedra fundamental.



SUMMARIO

	Pag.
Proemio	1
Acta da fundação do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, a 12 de Junho de 1916	3
Discurso do orador do Instituto, Dr. Carlos Xavier Paes Barreto	7
Acta da Segunda reunião do Instituto	14
Acta da Terceira reunião do Instituto	15
Acta da Quarta reunião do Instituto	16
Soneto do Patriota Domingos Martins	19
Culto Publico Sua proeminencia nos destinos humanos. A glorificação de Domingos Martins.— Dr. Antonio F. Athayde	21
A historia da revolução de 1817. — Dr. Marcilio Teixeira de Lacerda	25
Reliquia preciosa.—Professor Amancio Pereira	26
Reivindicando.—Dr. J. M. B. Montenegro	27
«Historia da Revolução de 1817» de Muniz Tavares, annotada por Oliveira Lima.—Dr. Carlos Xavier Paes Barretto	28
O livro de Muniz Tavares	28
Anotações do Dr. Oliveira Lima. Plano da obra	29
Vultos e factos da revolução de 17	30
Apreciações contrarias ao Dr. Oliveira Lima	31
Refutações a Tollenare	31
Opiniões a respeito de Caetano Pinto e Luiz do Rego	32
Personalidade de Gervasio Pires, do General Abreu e Lima e de Domingos Martins	33
Ramificações e antecedentes da revolução	34
Proeminencia de certos vultos na revolução	35
Character dos revolucionarios	36
Conclusão	37
Documentos extrahidos do Archivo Publico	39
Programma organizado pelo Instituto Historico para a festa civica de 12 de Junho	41
Circular dirigida pelo Instituto á imprensa, ás associações scientificas e ás auctoridades brasileiras	42
Noticia sobre o monumento	42
Indice	42